Bruno Schulz

Lojas de canela



Bruno Schulz

Lojas de canela

Tradução

Henryk Siewierski

COSACNAIFY

SKLEPY



R O J

Agosto

I

Em julho meu pai viajava para uma estação de águas e me deixava entregue, com minha mãe e meu irmão mais velho, à voragem dos dias de verão, estonteantes e brancos de calor. Embriagados com a luz, folheávamos esse grande livro das férias, cujas folhas todas ardiam de tanto fulgor e tinham no fundo a polpa das peras douradas, doce de desmaiar.

Nas manhãs luminosas, Adela voltava do fogo do dia incandescente como Pomona,{1} despejando de sua cesta a beleza colorida do sol – as cerejas brilhantes, cheias de água sob a casca transparente; as misteriosas ginjas pretas, cujo perfume superava tudo que o sabor pudesse oferecer; os damascos, cuja polpa dourada guardava a medula das tardes prolongadas; e com essa poesia pura das frutas, descarregava também as mantas de carne com seus teclados de costelas de vitela, inchadas de força e de nutrição, as algas de legumes feito moluscos e medusas mortos – a crua matéria-prima do almoço de sabor ainda indefinido e estéril, os ingredientes vegetais e telúricos do almoço, de cheiro selvagem e campestre.

A cada dia, todo um grande verão atravessava o apartamento escuro no primeiro andar de um prédio junto à praça da cidade: o silêncio dos anéis trepidantes de ar; os quadrados de fulgor sonhando seu sonho ardente no assoalho; a melodia do realejo, arrancada do mais profundo veio de ouro do dia; dois, três compassos de um refrão de piano, tocados sempre de novo em algum lugar, desmaiados ao sol das calçadas brancas, perdidos no fogo do dia profundo. Depois de arrumar a casa, Adela estendia a sombra pelos quartos, puxando as cortinas de pano. As cores então desciam uma oitava, o quarto enchia-se de sombra como que imerso na luz das profundezas do mar e refletido de modo ainda mais turvo nos espelhos verdes, e todo o calor do dia respirava nas cortinas que ondulavam levemente dos sonhos dessa hora da sesta.

Nas tardes de sábado, eu saía para passear com minha mãe. Da meia-luz do saguão entrava-se direto no banho de sol do dia. Os transeuntes, patinhando no ouro, tinham os olhos pregados de ardor, como que grudados de mel, e o lábio superior, levantado, descobria-lhes as gengivas e os dentes. E todos, patinhando nesse dia dourado, tinham aquela careta da canícula, como se o sol pusesse em seus seguidores a mesma máscara – a máscara dourada da irmandade solar; e todos que hoje passeavam pelas ruas se encontravam, se cruzavam, velhos e jovens, crianças e mulheres se cumprimentavam com essa máscara pintada no rosto com uma tinta dourada e grossa, arreganhavam uns aos outros essa careta dionisíaca – a máscara bárbara de um culto pagão.

A praça estava vazia e amarela de calor, varrida de toda poeira pelos ventos quentes, como um deserto bíblico. As acácias espinhosas, crescidas do vazio dessa praça amarela, ferviam sobre ela com uma folhagem clara, com ramos de filigranas verdes preciosamente articuladas, como as árvores nos velhos gobelinos. Parecia que essas árvores excitavam o vendaval, agitando teatralmente suas copas para mostrar, numa pose patética, a elegância dos leques de folhas de ventre prateado feito pele de raposa nobre. As casas antigas, polidas pelos ventos de muitos dias, tomavam as cores dos reflexos da grande atmosfera, dos ecos e lembranças das tintas dissipadas no fundo do tempo colorido. Parecia que gerações inteiras de dias de verão (como estucadores pacientes que retiram das fachadas velhas o mofo do reboco) batiam naquele verniz mentiroso, desvelando, cada dia com mais nitidez, a verdadeira face das casas, a fisionomia do destino e da vida que as moldava por dentro. Agora, as janelas, ofuscadas pela luz da praça vazia, dormiam; as varandas confessavam seu vazio ao céu; os saguões abertos cheiravam a frescor e vinho.

Um grupo de maltrapilhos, escapando num canto da praça da vassoura flamejante da canícula, cercava um pedaço do muro, experimentando-o repetidamente com lances de botões e moedas, como se do horóscopo desses discos de metal fosse possível decifrar o verdadeiro mistério do muro, desenhado com hieróglifos de riscos e

fendas. Afinal, a praça estava vazia. Havia a expectativa de que o jumento de um samaritano, puxado pelo cabresto, chegasse à sombra das acácias vacilantes, diante do saguão abobadado do adegueiro, repleto de barris, e de que dois criados tirassem atentamente um homem doente da sela abrasada, levando-o com cuidado escada fria acima para um andar com cheiro de sabá.

Andava assim com a minha mãe pelos dois lados ensolarados da praça, deixando nossas sombras dobradas em todas as casas, como num teclado. Sob os nossos passos suaves, lentos e lisos ficavam para trás os quadrados do pavimento – uns rosa pálido, como a pele humana, outros dourados e roxos, mas todos lisos, quentes e veludosos ao sol, lembrando alguns rostos solares, pisoteados até o apagamento, até o delicioso nada.

Até que, finalmente, na esquina da rua Stryjska, entramos na sombra da farmácia. Um jarro enorme de suco de framboesa, exposto numa grande janela, simbolizava o frescor dos bálsamos, capaz de aliviar qualquer sofrimento. Mais algumas casas, e a rua já não podia manter o decoro da cidade, como um camponês que voltando à aldeia se desvencilha no caminho de toda a sua elegância citadina, transformando-se aos poucos, na medida em que se aproxima da aldeia, num rústico maltrapilho.

As casas do subúrbio naufragavam com suas janelas, afundadas na exuberante e emaranhada floração dos pequenos jardins. Esquecidas pelo grande dia, espalhavam-se abundantemente e em silêncio todas as plantas, flores e ervas daninhas, contentes com esse intervalo em que podiam cair num sono além das margens do tempo, nos confins do dia interminável. Um enorme girassol, levantando-se numa haste possante e sofrendo de *elephantiasis*, esperava de luto amarelo os últimos tristes dias de sua vida, curvando-se ao peso da hipertrofia de sua monstruosa corpulência. Mas as campânulas ingênuas de subúrbio e as triviais flores de percal ficavam perplexas em suas camisas engomadas, brancas e rosadas, sem nada entender da grande tragédia do girassol.

II

A moita emaranhada de capins, ervas daninhas, joios e cardos arde no fogo da tarde. A sesta do jardim zune do enxame de moscas. O restolho dourado grita ao sol, como ruivos gafanhotos; na chuva forte de fogo berram os grilos; as vagens cheias de sementes explodem em silêncio, feito cigarras.

E junto à cerca o pelico de capim levanta-se numa bojuda corcunda-colina, como se, dormindo, o jardim virasse de um lado para o outro, e seus grossos ombros camponeses respirassem o silêncio da terra. Nesses ombros do jardim, a desmazelada abundância feminina de agosto agigantava-se em abismos surdos de enormes bardanas, expandia-se em fatias de chapas cabeludas de folhas, em línguas exuberantes de verde carnudo. Ali, esses esbugalhados bonecos de bardanas arregalavam-se como as mulheres amplamente refesteladas, quase devoradas por suas próprias saias enlouquecidas. Ali, o jardim vendia de graça os cachos mais baratos de sabugueiro, o painço grosso de tanchagem com cheiro de sabão, a cachaça brava de menta e todos os piores trastes de agosto. Mas do outro lado da cerca, atrás desse imo do verão em que se espalhou a estupidez das ervas daninhas, havia um monturo coberto desordenadamente pelo cardo. Ninguém sabia que justamente ali agosto celebrava neste verão sua grande orgia pagã. Naquele monturo, encostada à cerca e coberta pelo sabugueiro, encontrava-se a cama da cretina Tłuja. Assim todos nós a chamávamos. Num monte de lixo e de restos, de velhas panelas, chinelos, escombros e entulho, havia uma cama pintada de verde com dois tijolos velhos substituindo o pé que faltava.

Irritado de tanto calor, cortado pelos relâmpagos das moscas-do-gado enfurecidas pelo sol, o ar estalava sobre esses escombros como chocalhos invisíveis, excitando até a loucura.

Tłuja senta de cócoras entre lençóis amarelos e farrapos. O molho de cabelos pretos de sua enorme cabeça se arrepia. Seu rosto encolhe e

desencolhe como um fole de acordeão. De tempos em tempos uma careta de choro fecha esse acordeão em mil dobras transversais, enquanto outra, de estranheza, estende-o de novo, alisa as dobras, desvela as frestas dos olhos pequeninos e as gengivas úmidas com dentes amarelos, sob um beiço focinhudo e carnudo. Passam horas cheias de calor e de tédio. Tłuja balbucia a meia-voz, cochila, resmunga baixinho e pigarreia. Um enxame compacto de moscas cerca sua figura imóvel. Mas, de repente, todo esse amontoado de trapos sujos, farrapos e pandarecos começa a se mover como que acordado pelo rangido dos ratos que ali habitam. As moscas despertam assustadas e levantam voo num grande e barulhento enxame, repleto de um zumbido furioso, de clarões e lampejos. E quando os farrapos caem no chão, dissipando-se no monturo como ratos afugentados, sai deles, desembrulha-se aos poucos um caroço, descasca-se a medula do lixo: seminua e morena, a cretina se levanta devagar e, feito um ídolo pagão, fica em pé nas suas curtas perninhas de criança, e do pescoço inchado pelo fluxo de cólera, do rosto avermelhado e escurecido pela raiva, em que como desenhos bárbaros florescem os arabescos das veias intumescidas, solta-se um berro selvagem, um grito roncoso, tirado de todos os brônquios e flautas desse peito meio animal, meio divino. Os cardos queimados pelo sol gritam, as bardanas incham-se e se vangloriam de sua carne indecente, as ervas daninhas babam um veneno brilhante, enquanto a cretina, rouca de tanto gritar, bate com fúria e convulsão selvagem seu ventre carnudo contra o tronco do sabugueiro, que range baixinho sob a insistência do desejo devasso, conjurado por todo aquele coro miserável à desnaturada fecundidade pagã.

A mãe de Tłuja se oferece às donas de casa para esfregar o chão. É uma mulher pequena, amarela como açafrão, e com açafrão tempera também os assoalhos, as mesas de pinheiro, os bancos e as arcas de madeira que esfrega nos quartos das pessoas humildes. Uma vez Adela me levou à casa dessa velha Maria. Era de manhã cedo quando entramos no pequeno quarto pintado de azul, com um encasque de barro no chão, em que se estendia o sol recém-nascido, bem amarelo

nesse silêncio matinal medido com o chiado estridente de um relógio rústico de parede. Dentro de uma arca, na palha, estava deitada a louca Maria, pálida feito uma hóstia e quieta como uma luva da qual se retira a mão. E, como que se aproveitando do sono dela, o silêncio falava, um silêncio amarelo, berrante, mau, monologava, brigava, recitava alta e ordinariamente seu monólogo maníaco. O tempo de Maria, tempo preso em sua alma, transbordou terrivelmente real e andava livre pelo quarto, barulhento, tempestuoso, infernal, crescendo de um relógio-moinho sonoro no silêncio gritante da manhã, feito uma farinha ruim, farinha solta, farinha estúpida dos doidos.

III

Numa daquelas casas, fechada por uma cerca de madeira marrom, afundada no verde exuberante do jardim, morava a tia Ágata. Entrando na casa dela, passávamos pelo jardim, ao lado de bolas de vidro fixadas em varas,{2} bolas cor-de-rosa, verdes, violeta, cujo encanto abrigava mundos inteiros, luminosos e límpidos, como aqueles quadros ideais e felizes encerrados na inalcançável perfeição das bolas de sabão.

No saguão meio escuro, revestido de velhas oleografias corroídas pelo mofo e cegas de velhice, encontrávamos um cheiro familiar. Nesse antigo perfume de confiança, residia, numa síntese estranhamente simples, a vida dessas pessoas, um alambique da raça, uma espécie de sangue e o segredo do destino delas, retido imperceptível na passagem cotidiana de seu próprio e distinto tempo. A porta, velha e sábia, cujos suspiros sombrios deixavam que essas pessoas entrassem e saíssem, a testemunha muda da entrada e da saída da mãe, das filhas e dos filhos, abriu-se sem ruído, como as portas de um armário, e entramos na vida delas. Estavam sentadas, como que na sombra de seu destino, sem nenhuma resistência, e com seus primeiros gestos desajeitados nos entregaram seu segredo. Não éramos aparentados com elas pelo sangue e pelo destino?

A sala era escura e veludosa por seus revestimentos azul-escuros com desenhos dourados, mas o eco do dia flamejante ainda vibrava aqui no latão das molduras dos quadros, nas maçanetas e nos sarrafos dourados, embora já estivesse filtrado pelo verde-escuro do jardim. Sentada junto à parede, tia Ágata levantou-se, grande e opulenta, de carne redonda e branca, malhada com a ferrugem avermelhada das sardas. Sentamos ao lado deles, como que na beira de seu destino, um pouco envergonhados por estarem desarmados e entregarem-se a nós sem reserva. Tomávamos água com suco de rosa, uma bebida estranhíssima, na qual encontrei a mais profunda essência deste

sábado tórrido.

A tia queixava-se. Era esse o tom principal de suas conversas, a voz dessa carne branca e prolífera, que parecia flutuar já fora dos limites da sua pessoa, mal mantida em estado sólido, nos laços de uma forma individual, e, mesmo nessa solidez já multiplicada, disposta a se desintegrar, a se ramificar, a dissipar-se em família. Era uma fecundidade quase autógena, uma feminilidade desprovida de freios e patologicamente viçosa.

Parecia que o próprio aroma da virilidade, o cheiro de fumo, a piada dos cavalheiros podiam dar o impulso para a partenogênese devassa dessa feminilidade inflamada. Na verdade, todas as suas queixas do marido, dos empregados, sua preocupação com as crianças, eram apenas caprichos e amuos da fertilidade insaciada, prolongamento desse coquetismo arrogante, raivoso e choramingueiro, com que testava inutilmente o marido. Tio Marek, pequeno, curvado, de rosto estéril, assexuado, ficava sentado em sua bancarrota cinzenta, resignado, na sombra de um desprezo incomensurável, em que parecia descansar. Em seus olhos pardos, luzia a brasa distante do jardim, estendida na janela. De vez em quando tentava, com um gesto anêmico, apresentar algumas objeções, resistir, mas a onda de feminilidade autossuficiente repelia esse gesto sem importância, passava triunfante a seu lado, inundava com sua larga torrente os fracos arroubos de virilidade.

Havia algo trágico nessa fertilidade desmazelada e sem freios, havia a miséria da criatura que lutava na beira do nada e da morte, havia o heroísmo da feminilidade que triunfa através da fertilidade até sobre o aleijão da natureza, sobre a insuficiência do homem. Mas a prole mostrava a razão desse pânico da maternidade, dessa fúria da procriação, que se esgotava em fetos fracassados, numa geração efêmera de fantasmas sem sangue e sem rosto.

Entrou Łucja, de estatura mediana, com a cabeça florescente e madura demais, assentada num corpo infantil e fofo, de carne delicada e branca. Deu-me sua mão pequenina de boneca, que parecia um broto, e todo o seu rosto floriu imediatamente, feito a peônia quando

transborda a sua plenitude cor-de-rosa. Infeliz por causa dos rubores, que desavergonhadamente falavam dos segredos da menstruação, semicerrava os olhos e corava ainda mais ao toque de uma pergunta, mesmo a mais inocente, pois cada uma escondia uma alusão secreta a sua hipersensível virgindade.

Emil, o mais velho dos primos, de bigode louro-claro e rosto de que a vida lavou toda e qualquer expressão, passeava na sala com as mãos nos bolsos das calças franzidas.

Seu elegante e precioso traje tinha a marca dos países exóticos, dos quais havia voltado. Seu rosto murcho e opaco parecia esquecer-se de si mesmo a cada dia, tornar-se uma parede branca e vazia com uma rede pálida de veias, que como as linhas de um mapa apagado se confundiam, desaparecendo nas lembranças dessa vida turbulenta e desperdiçada. Era mestre nas artes do baralho, fumava cachimbos compridos e nobres e cheirava estranhamente a perfume de países longínquos. Com os olhos perambulando pelas lembranças do passado, contava estranhíssimas anedotas, que num certo ponto rompiam-se de repente, desengatavam e dissipavam-se no nada. Eu o seguia com a vista saudosa, na esperança de que reparasse em mim e me salvasse da angústia do tédio. E, realmente, tive a impressão de que piscou um olho, saindo da sala para o quarto. Fui atrás dele. Estava afundado num pequeno canapé, com os joelhos cruzados quase à altura da cabeça, careca feito uma bola de bilhar. Dava a impressão de ser apenas uma roupa, ondulada, amarrotada, jogada na poltrona. Seu rosto era como um sopro de rosto – um vestígio que um transeunte desconhecido tivesse deixado no ar. Em suas mãos pálidas, de um esmalte azul, segurava uma carteira, olhando alguma coisa dentro dela.

Da neblina de seu rosto emergiu com dificuldade a belida convexa de um olho pálido, atraindo-me com uma piscadela travessa. Senti uma simpatia enorme por ele. Ele me pegou, colocou-me entre seus joelhos, e embaralhando habilmente fotografias sob meus olhos mostrava imagens de mulheres nuas e rapazes em posições estranhas. Encostado nele, eu olhava esses delicados corpos humanos com olhos

distantes que nada enxergavam, quando o fluido de uma agitação vaga, que de repente embaciou o ar, me atingiu, percorreu meu corpo com um frêmito de ansiedade, com uma onda súbita de compreensão. Entretanto, essa névoa de sorriso que se desenhou sob seu belo e macio bigode, esse embrião de desejo que se retesou em suas têmporas com uma veia pulsante, essa tensão que por um momento manteve suas feições concentradas – desabaram voltando ao nada, e o rosto retirou-se para a ausência, esqueceu-se de si próprio, dissipou-se.

A visitação

I

Já naquele tempo nossa cidade caía cada vez mais no cinzento crônico do crepúsculo, cobria-se nas suas margens do líquen da sombra, do mofo penugento e do musgo cor de ferro.

Mal despido ainda das fumaças marrons e das neblinas matinais, o dia inclinava-se imediatamente para uma tarde baixa de âmbar, ficando por um momento transparente e dourado como cerveja preta, para em seguida descer até debaixo das fantásticas e múltiplas abóbadas de noites amplas e coloridas.

Morávamos na praça, numa dessas casas escuras de fachada vazia e cega, tão difíceis de distinguir uma da outra.

Isso era motivo de constantes enganos. Porque, uma vez tendo entrado num saguão e numa escada inadequados, chegava-se habitualmente a um verdadeiro labirinto de outras casas, de alpendres, de saídas inesperadas para pátios alheios, e esquecia-se do objetivo inicial da expedição, para, muitos dias depois, voltando numa madrugada cinzenta dos descaminhos de aventuras estranhas e emaranhadas, lembrar-se com remorsos da casa paterna.

A nossa casa, cheia de grandes armários, sofás profundos, espelhos pálidos e palmeiras artificiais de segunda mão, caía cada vez mais num estado de abandono por causa do desleixo de minha mãe, que ficava horas na loja, e da negligência de Adela, de pernas esguias, que, não sendo vigiada por ninguém, passava dias em frente ao espelho numa prolixa toalete, deixando por todo lado seus vestígios em forma de fios de cabelo, pentes, sapatinhos e espartilhos abandonados.

A casa não tinha um número definido de quartos, porque nunca ninguém se lembrava quantos deles eram alugados. Muitas vezes abria-se por acaso um desses cômodos esquecidos para encontrá-lo vazio; o inquilino mudara-se havia muito tempo, e nas gavetas intocadas nos últimos meses faziam-se descobertas surpreendentes.

Nos quartos de baixo moravam os vendedores, e muitas vezes

acordávamos à noite com seus gemidos, que eles soltavam imersos em pesadelos. No inverno, era ainda noite surda lá fora, quando meu pai descia àqueles quartos frios e escuros, espantando com a vela diante de si as manadas de sombras, que fugiam para os lados pelo chão e pelas paredes; ia acordar de um sono duro como pedra os tão esforçados roncadores.

À luz da vela que ele deixava no quarto, os moços desemaranhavam-se preguiçosamente dos lençóis sujos, sentavam nas camas expondo seus pés descalços e feios e, com a meia na mão, entregavam-se ainda por um instante ao prazer do bocejo – bocejo estendido até a volúpia, até a contração dolorida do céu da boca, como num vômito muito forte.

Nos cantos do quarto, enormes baratas ficavam sentadas imóveis, engrandecidas pela própria sombra, que a vela acesa lançava sobre cada uma e que não desgrudava delas mesmo quando uma daquelas carcaças achatadas sem cabeça começava sua assombrosa corrida de aranha.

Foi nesse tempo que meu pai começou a ter problemas de saúde. Já nas primeiras semanas desse inverno prematuro, às vezes ficava dias inteiros de cama, rodeado de frascos, comprimidos e livros comerciais que lhe traziam do escritório. O cheiro amargo da doença assentava no fundo do quarto, enquanto o papel de parede adensava-se com um trançado mais denso de arabescos.

À noite, quando a minha mãe chegava da loja, ele estava excitado e propenso a brigas, acusava-a de imprecisão nas contas, enrubescia e assanhava-se até perder o controle. Lembro-me de certa vez, acordado no meio da noite, ver como corria de lá para cá em cima do sofá de couro, só de camisa e descalço, demonstrando assim, perante minha mãe toda perplexa, a sua irritação.

Noutros dias ficava calmo e concentrado, mergulhado em seus livros, perdido no fundo dos labirintos de complicadíssimos cálculos.

Vejo-o à luz de uma lâmpada fumegante, acocorado entre os travesseiros, sob a grande cabeceira esculpida, com a enorme sombra de sua cabeça na parede, balançando numa meditação silenciosa.

Às vezes levantava a cabeça dos cálculos, como se quisesse tomar fôlego, abria a boca, dava estalidos de desgosto com a língua seca e amarga e, desamparado, olhava para os lados como se procurasse alguma coisa.

Costumava então descer silenciosamente da cama e correr para um canto do quarto, junto à parede em que estava pendurado certo instrumento de confiança. Era uma espécie de clepsidra ou uma grande ampola de vidro, dividida em onças e preenchida de um fluido escuro. Meu pai ligava-se a esse instrumento através de um intestino comprido de borracha, feito um tortuoso e dolorido cordão umbilical, e assim ligado ao triste aparelho ficava imóvel em recolhimento, enquanto seus olhos escureciam e no rosto empalidecido apareciam sinais de um sofrimento ou de um prazer pecaminoso.

Depois chegavam novamente os dias de trabalho silencioso e recolhido, entrelaçados com monólogos solitários. Quando sentava assim, à luz da lâmpada de mesa, entre os travesseiros do grande leito, e o quarto agigantava-se no alto, à sombra do abajur, sombra que o ligava ao grande elemento da noite urbana além da janela, ele sentia, sem olhar, que o espaço o cobria com uma selva de papel de parede pulsante, cheia de sussurros, silvos e ceceios. Ouvia, sem olhar, esse complô cheio de piscadelas secretas, olhos de gato, lábios escuros que sorriam, e orelhas que escutavam desabrochando entre as flores.

Então ele ficava aparentemente ainda mais imerso no trabalho, contava e somava, com medo de trair-se por essa ira que nele crescia, lutando contra a tentação de lançar-se para trás, às cegas, com um grito inopinado, e apanhar a mancheias esses arabescos encarapinhados, essas pencas de olhos e orelhas que a noite gerara e que cresciam e se multiplicavam, lançando em delírio, do umbigo materno da escuridão, sempre novos rebentos e braços. E só se acalmava quando, com o refluxo da noite, o papel de parede começava a murchar, enrolar-se, perder folhas e flores, rarefazendo-se outonalmente e deixando passar por si a madrugada que vinha de longe.

Então, em meio ao chilreio dos pássaros do papel de parede, na

madrugada amarela do inverno, ele caía por algumas horas num sono negro e denso.

Desde aqueles dias, semanas, em que parecia imerso em complicadas contas-correntes, seu pensamento penetrava secretamente nos labirintos de seus próprios intestinos. Ele prendia a respiração e escutava. E quando seu olhar voltava, pálido e turvo, daquelas profundezas, ele o tranquilizava com um sorriso. Ainda não acreditava e rejeitava como um absurdo essas pretensões, essas propostas que o assediavam.

De dia, pareciam raciocínios e persuasões, longas e monótonas deliberações, conduzidas a meia-voz e cheias de interlúdios humorísticos, gracejos maliciosos. Mas à noite essas vozes levantavam-se mais ardentes ainda. A exigência voltava cada vez mais explícita e sonora, e o ouvíamos falando com Deus, como se pedisse e recusasse algo, que não parava de exigir e reclamar.

Até que uma noite essa voz severa e irresistível levantou-se, exigindo que lhe desse um testemunho com sua boca e suas entranhas. E ouvimos o espírito entrando nele, ouvimos como se levantava da cama, alto e crescente numa ira de profeta, engasgando com as palavras barulhentas que atirava feito uma metralhadora. Ouvimos o estalido da luta e o gemido do pai, um gemido de titã de quadril quebrado, que ainda assim não para de xingar.

Nunca vi os profetas do Velho Testamento, mas ao olhar aquele homem, derrubado pela ira de Deus, escarranchado largamente sobre o enorme urinol de porcelana, coberto pelo turbilhão dos braços, pela nuvem dos brandimentos desesperados sobre os quais pairava sua voz dura e estranha, percebi a ira divina dos santos varões.

Era um diálogo terrível como a fala dos trovões. Os brandimentos de suas mãos rasgavam o céu em pedaços, e nas frestas aparecia o rosto de Jeová, inchado de cólera e cuspindo pragas. Vi, sem olhar, o terrível Demiurgo, que deitado nas trevas como no monte Sinai, apoiando suas mãos poderosas no cortinado, encostava o rosto nos vidros superiores da janela, achatando monstruosamente seu nariz carnudo.

Ouvia sua voz nos intervalos da tirada profética de meu pai, ouvia esse poderoso rosnar de seus lábios inchados, que fazia tinir as janelas e que se misturava com as explosões de conjuros, lamentos e ameaças de meu pai.

De vez em quando, as vozes se acalmavam e resmungavam baixinho, como o balbucio do vento na chaminé noturna, e logo estouravam de novo com um grande e fragoroso barulho, com uma tempestade de soluços e pragas. De repente, a janela se abriu com um bocejo sombrio, e o manto da escuridão perpassou pelo quarto.

À luz do relâmpago vi meu pai, de pijama desabotoado, despejando de um só poderoso golpe, com uma terrível praga, o conteúdo do urinol pela janela, na noite que murmurava feito uma concha.

II

Meu pai definhava, murchava a olhos vistos.

Acocorado junto a enormes travesseiros, com as madeixas dos cabelos grisalhos ferozmente eriçadas, falava consigo mesmo a meia-voz, todo imerso em complicadas negociatas internas. Podia parecer que sua personalidade desmanchara-se em várias consciências contraditórias, porque brigava em voz alta consigo mesmo, negociava intensa e apaixonadamente, persuadia e suplicava, ou parecia presidir uma assembleia de muitos clientes, tentando reconciliá-los, empregando toda a sua verve e fervor. Mas essas barulhentas reuniões de temperamentos ardentes sempre explodiam no fim entre pragas, maldizeres e insultos.

Depois chegou o tempo de bonança, de consolação interna, de uma deleitosa serenidade de espírito.

Novamente os grandes fólios estendiam-se abertos sobre a cama, a mesa e o chão, e a paz beneditina do trabalho pairava à luz da lâmpada, sobre os lençóis brancos da cama, sobre a curvada cabeça grisalha de meu pai.

Mas à noite, quando minha mãe voltava da loja, meu pai animava-se, chamava-a e, com orgulho, mostrava-lhe os magníficos decalques coloridos, cuidadosamente colados nas páginas do livro principal.

Foi então que todos percebemos que nosso pai começou a encolher, ficando cada dia menor, como uma noz que resseca dentro da casca.

Porém, esse perecimento não foi acompanhado por nenhuma diminuição de forças. Ao contrário, seu estado de saúde, o humor, a mobilidade pareciam melhorar.

Agora, ele muitas vezes ria alto, como que chilreando, rebentava de rir ou batia na cama e respondia “entra”, com tons diferentes, horas e horas assim. De vez em quando descia da cama, trepava no armário e, acocorado sob o teto, arrumava algo nos velhos trastes, cheios de ferrugem e poeira.

Às vezes, colocava duas cadeiras, uma na frente da outra e, apoiando-se com as mãos nos espaldares, balançava as pernas para a frente e para trás, enquanto seus olhos radiantes procuravam em nosso rosto sinais de admiração e estímulo. Parecia reconciliar-se definitivamente com Deus. De vez em quando, à noite, o rosto do Demiurgo barbudo, banhado de púrpura escura de fogos de bengala, aparecia na janela do quarto e, por um momento, olhava com ternura o adormecido, cujo ronco melodioso parecia percorrer os vastos espaços dos desconhecidos mundos oníricos.

Nas tardes longas, meio escuras, desse inverno tardio, meu pai mergulhava de vez em quando nos recantos cheios de trastes, e horas inteiras procurava obstinadamente por algo.

Muitas vezes, quando todos sentávamos à mesa para almoçar, meu pai faltava. Então minha mãe tinha que chamá-lo demoradamente – Jakub! – e bater com a colher na mesa, para que ele saísse do armário, todo coberto de farrapos de teia de aranha e de poeira, com o olhar desacordado e imerso nos complicados assuntos que o preocupavam e de que só ele tinha conhecimento.

Às vezes trepava no cortinado e assumia uma pose imóvel, simétrica à do enorme abutre empalhado pendurado na parede do outro lado da janela. Ficava horas nessa pose imóvel, acocorado, de olhar embaciado e com um sorriso astuto, para acordar de repente com a entrada de alguém e, batendo os braços como asas, cantar feito um galo.

Deixamos de prestar atenção nessas extravagâncias em que cada dia mais se envolvia. Como se fosse completamente livre das necessidades corporais, recusando a alimentação semanas inteiras, ele mergulhava cada vez mais fundo nessas negociatas obscuras e estranhíssimas, das quais não tínhamos nenhuma compreensão. Inacessível às nossas persuasões e súplicas, respondia com os fragmentos de seu monólogo interior, imune a qualquer interferência externa. Eternamente absorvido, patologicamente excitado, com pintas vermelhas nas bochechas ressecadas, nos ignorava e não nos percebia.

Acostumamo-nos com sua presença inofensiva, com seu balbucio

silencioso, com aquele chilreio infantil afundado em si, cujos trinados passavam à margem do nosso tempo. Já naquela altura desaparecia, às vezes por alguns dias, mergulhava nos desvãos da casa, e não era possível localizá-lo.

Pouco a pouco, esses desaparecimentos deixaram de nos impressionar, habituamo-nos a eles, e quando depois de muitos dias aparecia de novo, algumas polegadas menor e mais magro, já não chamava tanto a nossa atenção. Simplesmente deixamos de levá-lo em conta, a tal ponto se afastara de tudo que é humano e real. Nó por nó desprendia-se da gente, ponto por ponto perdia os laços que o ligavam à comunidade dos homens. O que dele ainda restou, um pouco daquela carcaça do corpo e um punhado de extravagâncias absurdas, podia desaparecer um dia, despercebido como a pequena e cinzenta porção de lixo do canto da sala, que Adela levava diariamente para o monturo.

Os pássaros

Chegaram os dias de inverno, amarelos e cheios de tédio. Uma toalha de neve esburacada, gasta e curta cobria a terra avermelhada. Não dava para todos os telhados, e alguns, de telhas e arcos de madeira, continuavam pretos ou ferruginosos, escondendo em si os enfumaçados espaços dos sótãos – catedrais negras, carbonizadas, com eriçadas costelas de caibros, terças e tirantes –, os pulmões escuros dos vendavais de inverno. Cada madrugada desvendava novas chaminés e lucarnas, que cresciam à noite, inchadas pelo vendaval noturno – tubos pretos do órgão do diabo. Os limpa-chaminés não conseguiam livrar-se das gralhas, que feito folhas vivas, todas pretas, ocupavam à tardinha os galhos das árvores junto à igreja ou se levantavam batendo as asas, para grudarem-se de novo, cada uma em determinado lugar de determinado galho, e partir bem cedo de madrugada em bandos enormes – nuvens de fuligem, flocos de tisne, ondulantes e fantásticos, manchando com um grasno tremeluzente os rastros de amarelo embaçado do amanhecer. Os dias endureciam de frio e de tédio, como pães do ano passado, que se cortavam com facas embotadas, sem apetite e com uma preguiçosa sonolência.

Meu pai já não saía de casa. Cuidava das estufas, estudava o ser insondável do fogo, adivinhava o gosto salgado, metálico e defumado das chamas de inverno, a carícia fria das salamandras lambendo a fuligem brilhante na garganta da chaminé. Nesses dias, fazia com muita dedicação todos os consertos necessários nas regiões altas do quarto. A cada hora do dia podia-se ver como, encolhido em cima da escada, manipulava algo no teto, perto do cortinado das janelas altas, junto aos globos e correntes das luminárias pendentes. Usava a escada como enormes pernas de pau, assim como fazem os pintores, e sentia-se bem nessa perspectiva de pássaro, perto do céu pintado, dos arabescos e pássaros do teto. Afastava-se cada vez mais da vida prática. Quando minha mãe, preocupada com seu estado, tentava conversar

sobre os negócios, sobre o pagamento do próximo *ultimo*,[{3}] ele a escutava distraído, todo inquieto, com espasmos no rosto ausente. Às vezes interrompia-a de repente com um gesto instigador da mão, para logo correr ao canto do quarto, encostar a orelha numa fenda do chão e escutar, com os indicadores de ambas as mãos levantados, sinal da extrema importância da pesquisa. Nessa altura ainda não percebíamos o triste pano de fundo dessas extravagâncias, ou seja, o lamentável complexo que amadurecia em seu interior.

Minha mãe não tinha nenhuma influência sobre ele. Era Adela que chamava a sua atenção e a quem ele dava mostras de grande veneração. A arrumação da casa era para ele uma grande e importante cerimônia, que nunca deixava de presenciar, seguindo com uma mistura de medo e um frêmito de deleite todas as manipulações de Adela. A todos os seus atos ele atribuía um sentido mais profundo, simbólico. Quando a moça empurrava, com movimentos jovens e arrojados, uma vassoura de cabo comprido pelo chão, ele quase não aguentava. De seus olhos então escorriam lágrimas, seu rosto rebentava num riso abafado, e o corpo estremecia num voluptuoso espasmo orgástico. Sua sensibilidade às cócegas o levava à loucura. Bastava que Adela lhe dirigisse os dedos num gesto de fazer cócegas para ele entrar em pânico e fugir, atravessando todos os quartos, batendo as portas atrás de si e, no último, cair de barriga na cama, torcendo-se em convulsões de riso provocadas pela imagem interior a que não podia resistir. Por isso, Adela dominava nosso pai com um poder quase absoluto.

Foi naquele tempo que notamos em nosso pai, pela primeira vez, um interesse e uma paixão pelos animais. No início tratava-se de uma paixão de caçador e de artista ao mesmo tempo. Talvez fosse também uma simpatia zoológica mais profunda pelas formas de vida aparentadas mas tão diferentes, um experimento com os registros ainda não testados do ser. Só numa fase posterior isso tomou um rumo assombroso, confuso, profundamente pecaminoso e desnaturado que melhor seria não trazê-lo à luz do dia.

Tudo começou pela incubação dos ovos de aves.

Com muito esforço e dinheiro meu pai importava de Hamburgo, da Holanda e das estações zoológicas africanas ovos fecundados de aves, que depois eram incubados por enormes galinhas belgas. Para mim também era muito interessante observar esse procedimento – esses pintos saindo da casca, verdadeiros monstros na forma e na coloração. Não era possível enxergar nessas criaturas de bicos enormes, fantásticos, que elas abriam largamente logo depois de nascer, emitindo um sibilo voraz dos precipícios de suas gargantas, nesses lagartos de corpo frágil e pelado de corcundas, os futuros pavões, faisões, tetrazes e condores. Acomodada em cestas, envolta em algodão, essa prole de basilisco levantava nos pescoços finos as cabeças cegas, cobertas de albugem, soltando de suas gargantas mudas um cacarejo inaudível. Meu pai andava ao longo das estantes, de avental verde, como um jardineiro ao longo dos canteiros de cactos, e tirava do nada essas vesículas cegas em que pulsava a vida, essas barrigas desajeitadas que assimilavam o mundo exterior apenas em forma de comida, essas excrescências da vida, trepando às apalpadelas em direção à luz. Algumas semanas depois, quando esses botões cegos de vida se abriam para a luz, os quartos enchiam-se de um barulho colorido, do tremeluzente chilreio de seus novos moradores. Eles ocupavam os cortinados, as cornijas dos armários, aninhavam-se na moita dos galhos de estanho e dos arabescos dos lustres ramificados.

Quando meu pai estudava os grandes compêndios de ornitologia e folheava as tabelas coloridas, aqueles fantasmas peníferos pareciam sair voando delas, enchendo o quarto de um adejo colorido, de mantas de púrpura, de farrapos de safira, prata e azinhavre. Na hora da alimentação, eles formavam um canteiro ondulante de muitas cores no chão, um tapete vivo que se desmanchava com a entrada inesperada de alguém, dividia-se em flores voláteis que vibravam no ar, para se acomodar, enfim, nas regiões altas do quarto. Lembro-me particularmente de um condor, uma ave enorme de pescoço pelado, rosto enrugado e viçoso com muitas excrescências. Era um magro asceta, um lama budista cheio de uma impassível dignidade em todo o seu comportamento, que se guiava pelo cerimonial severo de sua

grande estirpe. Sentado em frente a meu pai, imóvel em sua pose monumental dos sempiternos deuses egípcios, o olho coberto da belida branca com que cerrava de lado a pupila para encolher-se completamente na contemplação de sua nobre solidão, parecia, com esse seu perfil de pedra, o irmão mais velho de meu pai. A mesma matéria do corpo, dos tendões e da pele dura e enrugada, a mesma cara ressecada e ossuda, as mesmas órbitas calejadas e profundas. Até as mãos, fortes nas articulações, as compridas e magras mãos de meu pai, de unhas convexas, tinham seu análogo nas garras do condor. Ao vê-lo assim adormecido, não pude resistir à impressão de que estava na frente da múmia – ressecada e por isso diminuída múmia de meu pai. Suponho que também minha mãe não deixou de notar essa estranhíssima semelhança, apesar de nunca termos tocado no assunto. É característico que o condor usava o mesmo penico que meu pai.

Não se contentando com a incubação de novos exemplares, meu pai organizava no sótão as núpcias das aves, enviava os casamenteiros, amarrava as noivas atraentes e saudosas nos buracos e nas lacunas do sótão e realmente conseguiu transformar o telhado de nossa casa – um enorme telhado de duas águas, de telhas de madeira – numa verdadeira pousada de pássaros, numa arca de Noé, a que chegavam voando de terras longínquas seres alados de todas as espécies. Mesmo muito tempo depois da liquidação desse aviário, a tradição de nossa casa continuava viva no mundo dos pássaros, e na época das migrações primaveris, às vezes pousavam em nosso telhado bandos inteiros de grous, pelicanos, pavões e muitas outras aves.

Mas, depois de um curto período de prosperidade, a empreitada teve um triste fim. Logo verificou-se a necessidade de transferir meu pai para dois quartos no sótão que serviam de armazém de trastes. Ainda de madrugada vinha de lá um clangor de vozes confusas de aves. As caixas de madeira dos quartos do sótão, auxiliadas pela ressonância no espaço até o telhado, vibravam todas com o ruído, os voos, os cantos, os acasalamentos e os gorgolejos. Assim, por algumas semanas, perdemos nosso pai de vista. Descia raramente, e nessas ocasiões podíamos notar que tinha como que diminuído, ficado mais

magro e encolhido. Às vezes se esquecia, levantando-se bruscamente da mesa e, adejando com as mãos feito asas, lançava um longo canto de galo, enquanto a bruma da belida cerrava seus olhos. Depois, envergonhado, sorria conosco, esforçando-se para que todo esse incidente não passasse de uma brincadeira.

Um dia, numa época de arrumação geral, Adela apareceu inesperadamente no reino de aves do meu pai. Logo na porta ela levou as mãos à cabeça, de tanto fedor que pairava no ar e de tantos excrementos que se amontoavam, cobrindo o chão, as mesas e os outros móveis. A decisão foi rápida: abriu a janela e com um comprido cabo de vassoura fez girar toda essa massa de pássaros. Levantou-se um turbilhão infernal de penas, asas e gritos, em que Adela, feito uma mênade, coberta pelo redemoinho de seu tirso, executava uma dança da destruição. Meu pai batia os braços e, muito assustado, tentava levantar voo com todo o bando de pássaros. Aos poucos o turbilhão alado se rarefez, até que, por fim, no campo de batalha, restaram apenas Adela, esgotada e ofegante, e meu pai, com a expressão angustiada e envergonhada, pronto para aceitar qualquer acordo de rendição.

Logo depois, ele descia de seu domínio escada abaixo – um homem alquebrado, um rei banido que perdeu o trono e o reinado.

Os manequins

Essa empresa avícola foi a última explosão de cores, a última e brilhante contramarcha da fantasia que esse improvisador incorrigível, esse esgrimista da imaginação conduzira para os redutos e as trincheiras do inverno estéril e vazio. Só hoje percebo o heroísmo solitário com que ele sozinho declarou guerra ao elemento imensurável de tédio que entorpecia a cidade. Sem nenhum apoio, sem reconhecimento de nossa parte, esse homem estranhíssimo defendia a causa perdida da poesia. Ele era um moinho maravilhoso, em cujos funis caíam os farelos das horas vazias para florescer nas engrenagens com todas as cores e perfumes das especiarias do Oriente. Mas, acostumados com a excelente charlatanice desse prestidigitador metafísico, estávamos propensos a ignorar o valor da sua magia soberana, que nos salvava da letargia dos dias e noites vazios. Adela não sofreu nenhuma repreensão por esse vandalismo obtuso e insensato. Ao contrário, sentimos um contentamento vil, uma satisfação infame por essa exuberância que saboreávamos com gula e fartura ser refreada, para depois, traiçoeiramente, fugir da responsabilidade. Ou talvez houvesse nessa traição uma reverência secreta à vitoriosa Adela, a quem atribuíamos, confusos, uma missão e um apostolado das forças de uma ordem superior. Traído por todos, meu pai retirou-se sem luta dos lugares da sua glória recente. Sem cruzar espadas, entregou nas mãos do inimigo o domínio do seu esplendor perdido. Banido voluntário, retirou-se num quarto vazio no final do saguão, que virou seu reduto de silêncio.

Esquecemo-nos dele.

Cercou-nos de novo, por todos os lados, o cinza fúnebre da cidade, florindo por trás das janelas com o líquen escuro das madrugadas, com o fungo parasita dos crepúsculos, que crescia transformando-se na peliça fofa das longas noites de inverno. O papel de parede dos quartos, outrora deleitosamente relaxado e aberto para os voos

coloridos daquela malta alada, fechou-se de novo em si mesmo, engrossou, e ia perdendo-se na monotonia de monólogos amargos.

Os lustres enegreceram e murcharam como cardos velhos. Pendiam agora apáticos e rabugentos, tocando suavemente seus pequenos vidrinhos sempre que alguém atravessava às apalpadelas o crepúsculo cinzento do quarto. De nada adiantava Adela colocar em todos os braços desses lustres as velas coloridas, um pobre sucedâneo, uma vaga lembrança das iluminações suntuosas em que pouco tempo antes desabrochavam os jardins suspensos. Ah! para onde foi essa germinação chilreante, essa frutificação apressada e fantástica nos buquês das lâmpadas, das quais, como de explosivas tortas encantadas, saíam voando fantasmas alados, partindo o ar em baralhos mágicos, logo derramados em aplausos coloridos, numa chuva de compactas escamas de azul, de verde de pavão e de papagaio, de brilhos metálicos, que desenhavam linhas e arabescos no ar, traços lampejantes de voos e rodopios, e que abriam leques coloridos de adejos, que muito tempo depois ainda continuavam suspensos na riquíssima e resplandecente atmosfera? Ainda agora eles escondiam-se no fundo da aura acinzentada do eco e na possibilidade de fulgores coloridos, mas ninguém tentava perfurar com uma flauta, ninguém experimentava com uma broca os anéis embaciados do ar.

Foram semanas marcadas por uma estranha sonolência.

As camas por fazer, o dia todo cobertas de lençóis amarrotados e atolados em sonhos pesados, pareciam barcos fundos, prontos para partir rumo aos labirintos úmidos e enredados de uma Veneza negra e sem estrelas. De madrugada Adela nos trazia café. Vestíamo-nos preguiçosamente nos quartos frios, à luz de uma vela, multiplicada nos vidros escuros das janelas. Eram manhãs cheias de vaivéns desordenados, de procura prolixa nos armários e nas gavetas. Em toda a casa ouvia-se o plaque-plaque dos chinelinhos de Adela. Os vendedores acendiam as lanternas, pegavam das mãos de minha mãe as chaves enormes da loja e saíam na escuridão cerrada e girante. Minha mãe não se entendia muito bem com a toalete. No castiçal as velas se extinguiam. Adela desaparecia nos quartos periféricos ou no

sótão, onde estendia a roupa para secar. Inútil chamá-la. O fogo ainda novo, turvo e sujo do forno lambia as excrescências frias e brilhantes de fuligem na garganta da chaminé. A vela se extinguia, o quarto se afundava na escuridão. Encostando a cabeça na toalha de mesa, em meio aos restos do café da manhã, malvestidos, adormecíamos de novo. Deitados de cara no colo peludo da escuridão, navegávamos na sua respiração ondulante rumo ao nada sem estrelas. Adela acordava-nos com sua barulhenta arrumação da casa. A toalete de minha mãe demorava. Antes que ela terminasse de pentear o cabelo, os vendedores voltavam para o almoço. A escuridão da praça tomava cor de fumo dourado. Num instante, desses méis esfumaçados, desses âmbares baços, podiam irromper as cores da mais bela tarde. Mas o momento feliz passava, o amálgama da madrugada desflorescia, e o fermento transbordante do dia, já quase alcançado, caía de novo num cinza exânime. Sentávamos à mesa, os vendedores esfregavam as mãos vermelhas de frio e, de repente, a prosa de suas conversas atraía de imediato o dia pleno, a terça-feira cinzenta e vazia, dia sem tradição e sem rosto. Mas quando chegava à mesa a travessa com peixe em gelatina vidrada, dois grandes peixes, um ao lado do outro, a cabeça junto à cauda feito uma figura do zodíaco, reconhecíamos neles o brasão desse dia, o emblema da terça-feira anônima, e apressadamente os repartíamos entre nós, aliviados que o dia recuperasse neles a sua fisionomia.

Os vendedores os consumiam compenetradamente, com a seriedade de uma cerimônia de calendário. Um cheiro de pimenta espalhava-se pela sala. E quando já limpavam com o pão os restos de gelatina nos pratos, meditando sobre a heráldica dos próximos dias da semana, e quando restavam na travessa apenas as cabeças com olhos cozidos, sentíamos todos que, com o nosso esforço comum, o dia fora vencido e que o resto já não contava.

Porém, com aquele resto entregue à sua mercê, Adela não fazia muita cerimônia. Entre o tinido de panelas e o jorro de água fria, liquidava energicamente as poucas horas que faltavam até o anoitecer, horas que a nossa mãe passava dormindo na otomana. Entretanto, já

se preparava na sala o cenário do fim da tarde. As costureiras Polda e Paulina instalavam-se nela com os acessórios de sua profissão. Carregada em seus ombros, entrava na sala uma senhora silenciosa e imóvel, toda de estopa e de pano, com uma bola preta de madeira no lugar da cabeça. Mas, colocada no canto entre a porta e o forno, essa dama taciturna virava logo a dona da situação. Imóvel em seu canto, supervisionava em silêncio o trabalho das moças. Recebia com muitas críticas e má vontade os esforços e as adulações com que, ajoelhadas na sua frente, elas experimentavam as partes do vestido, assinaladas com alinhavo branco. As moças serviam com atenção e paciência esse ídolo mudo, a que nada satisfazia. Era um *moloch*{4} inexorável, como só os *molochs* femininos podem ser, e mandava-as sempre de novo para o trabalho; e elas, afuseladas e esguias, semelhantes aos carretéis de madeira de que se desenrolavam as linhas e movimentando-se como eles, manipulavam habilmente esse amontoado de seda e de pano, penetravam com a tesoura rangente na sua massa colorida, matraqueavam com a máquina de costura, pisando o pedal com um pezinho barato, laqueado, enquanto ao redor acumulavam-se os restos, retalhos e farrapos coloridos, como escamas e cascas em torno de dois papagaios pródigos e exigentes. As maxilas tortas das tesouras abriam-se chiando como o bico daqueles pássaros coloridos.

As moças pisavam desatentas nos retalhos coloridos, como se patinhassem inconscientemente no monturo de um possível carnaval, no bricabraque de uma grande mascarada não realizada. Espanavam os retalhos de si com um sorriso nervoso, faziam cócegas nos espelhos com seus olhos. Suas almas, feitiçaria veloz de suas mãos, não residiam nos vestidos entediados que ficavam sobre a mesa, mas naquelas centenas de retalhos, naquelas lascas frívolas e volúveis com que podiam cobrir a cidade inteira numa nevasca colorida e fantástica. De repente, sentiam calor e abriam a janela, para que na impaciência de sua solidão e com a fome de outros rostos pudessem pelo menos ver, encostado na janela, o rosto anônimo da noite. Abanavam as bochechas ardentes diante da noite invernal que crescia nas cortinas – desvelavam seus decotes em chamas, cheios de ódio e rivalidade,

dispostos a lutar pelo pierrô que o sopro escuro da noite poderia trazer à janela. Ah, como podiam exigir tão pouco da realidade! Tinham tudo em si, tinham em si o excesso de tudo. Ah, bastar-lhes-ia um pierrô empalhado, uma ou duas palavras há muito esperadas, para que pudessem desempenhar seu papel há muito preparado, há muito pressionando a boca, cheio de uma doce e terrível amargura, e que as empolgava selvagemente, como páginas de um romance engolidas à noite, junto com as lágrimas derramadas em rubores.

Num de seus passeios de fim de tarde pela casa, empreendidos na ausência de Adela, meu pai topou com essa sessão silenciosa do anoitecer. Ficou um tempo na porta do quarto contíguo, com o candeeiro na mão, encantado com essa cena febril e cheia de rubores, esse idílio de pó de arroz, de papel de seda colorido e de atropina, de cujo pano de fundo tão rico em significado servia a noite de inverno, respirando entre as cortinas enfunadas da janela. Colocando os óculos, aproximou-se e contornou as moças, iluminando-as com a lâmpada que erguia na mão. Uma corrente de ar provocada pela porta aberta levantou as cortinas na janela, as senhoritas deixavam que ele as olhasse, mexendo os quadris, brilhando com o esmalte dos olhos, com o verniz dos sapatinhos rangentes, com as fivelas das ligas debaixo do vestido enfunado pelo vento; os retalhos fugiam feito ratos pelo chão até a porta entreaberta do quarto escuro, e meu pai, olhando com atenção as mulherzinhas resfolegantes, cochichava: – *Genus avium*… se não me engano, *scansores* ou *pistacci*…{5} absolutamente digno de atenção.

Esse encontro fortuito deu início a toda uma série de sessões, durante as quais meu pai logo conseguiu encantar ambas as senhoritas com o charme de sua personalidade incomum. Retribuindo a conversa, cheia de galanteria e gracejo, com que lhes ocupava o vazio das tardinhas, as moças permitiam ao pesquisador tão dedicado estudar a estrutura de seus corpos miúdos e ordinários. Isso sucedia durante a conversa e com tal seriedade e elegância que os momentos mais arriscados da pesquisa ficavam livres de qualquer aparência de ambiguidade. Abaixando a meia do joelho de Paulina e estudando com

olhos apaixonados a concisa e nobre construção da junta, meu pai dizia: – Como é encantadora e feliz a forma do ser que as senhoras escolheram. Como é bela e simples a tese que lhes foi dado revelar pela própria vida. E com que mestria, com que finura, cumprem as senhoras essa tarefa. Se eu quisesse brincar de crítico da criação, deixando de lado o respeito pelo Criador, clamaria: – Menos conteúdo, mais forma! Ah, como essa perda de conteúdo aliviaria o mundo. Mais modéstia nos planos, mais moderação nas pretensões, senhores demiurgos, e o mundo seria melhor! – clamava meu pai, justamente quando sua mão tirava a branca barriga da perna de Paulina da prisão de uma meia. Nesse exato momento, Adela apareceu na porta da sala carregando a bandeja com o lanche. Foi o primeiro encontro dessas forças inimigas desde a grande contenda. Todos nós, que assistimos a esse encontro, vivemos um momento de grande angústia. Tivemos muita pena de assistir a uma nova humilhação desse varão, já bastante experimentado na vida. Meu pai, de joelhos, levantou-se muito confuso, o rosto se coloria com os fluxos da vergonha, ficando cada vez mais escuro. Mas Adela, inesperadamente, saiu-se à altura da situação. Aproximou-se sorrindo de meu pai e deu-lhe um peteleco no nariz. A esse sinal, Polda e Paulina aplaudiram alegremente, bateram os pés no chão e, penduradas nos braços do meu pai, dançaram com ele ao redor da mesa. Assim, graças ao bom coração das moças, o germe de um conflito desagradável dissipou-se numa alegria geral.

Esse foi o início das preleções, muito interessantes e estranhas, que meu pai, inspirado pelos encantos desse pequeno e inocente auditório, proferiu nas semanas subsequentes àquele inverno precoce.

É digno de atenção que, em contato com esse homem incomum, todas as coisas pareciam retornar à raiz do seu ser, reconstruir seu fenômeno até o próprio núcleo metafísico, pareciam voltar à ideia primordial para traí-la nesse ponto e desviar-se até aquelas regiões duvidosas, arriscadas e ambíguas, a que chamaremos aqui simplesmente regiões da grande heresia. O nosso heresiarca passava entre as coisas como um magnetizador, contagiando e seduzindo-as com seu perigoso encanto. Devo chamar também Paulina de sua

vítima? Ela tornou-se naqueles dias sua aluna, adepta de suas teorias, um modelo de seus experimentos.

Tentarei expor aqui, com a precaução necessária e evitando o escândalo, essa doutrina herética, que naquele tempo dominou meu pai por longos meses, apoderando-se de todos os seus atos.

Tratado dos manequins ou O segundo Gênese

– O Demiurgos {6} – dizia meu pai – não tem o monopólio da criação, pois a criação é um privilégio de todos os espíritos. A matéria goza de uma fecundidade infinita, de uma potência vital inesgotável e, ao mesmo tempo, de uma força sedutora de tentação, que nos incita a moldá-la. Nas profundezas da matéria desenham-se sorrisos imprecisos, germinam conflitos, condensam-se formas apenas esboçadas. Toda a matéria ondula de possibilidades infinitas que a perpassam com arrepios insípidos. Esperando pelo sopro vivificante do espírito, ela transborda de si sem parar, tenta-nos com mil redondezas e maciezas doces, fantasmagorias nascidas de seu delírio tenebroso.

"Privada de iniciativa própria, voluptuosamente flexível, maleável como uma mulher, dócil a todos os impulsos, ela é um terreno fora da lei, aberto a todas as charlatanices e diletantismos, domínio de todos os abusos e manipulações demiúrgicas suspeitas. A matéria é o mais passivo e o mais indefeso ser do universo. Obedece a qualquer um, e qualquer um pode amassá-la e moldá-la à vontade. Todas as estruturas da matéria são instáveis e frouxas, sujeitas à regressão e à dissolução. Não existe nenhum mal em reduzir a vida a formas novas e diferentes. O assassinato não é pecado. Muitas vezes não passa de uma violência necessária para com as formas refratárias e petrificadas, que deixaram de ser interessantes. Pode até ser um mérito, quando cometido em benefício de uma experiência interessante e vital. E esse é o ponto de partida para uma nova apologia do sadismo.

Meu pai não se cansava de glorificar esse estranhíssimo elemento que é a matéria. – Não existe matéria morta – ensinava –, a morte não passa de um simulacro que oculta formas desconhecidas de vida. A sua escala é infinita, inesgotáveis os seus matizes. O Demiurgos possuía interessantes e preciosas receitas de criação. Servindo-se delas, criou numerosas espécies, dotadas de poder de autorreprodução. Ninguém

sabe se essas receitas serão algum dia reconstruídas. O que, aliás, não é necessário, porque mesmo que tais métodos clássicos de criação se tornem inacessíveis de uma vez por todas, ainda restarão certos métodos ilegais, uma infinidade de métodos heréticos e criminosos.

À medida que meu pai passava desses princípios cosmogônicos gerais para o terreno mais delimitado dos seus interesses, sua voz baixava até um sussurro penetrante, a exposição tornava-se cada vez mais difícil e confusa, e suas conclusões perdiam-se em regiões cada vez mais duvidosas e arriscadas. Sua gesticulação adquiria uma solenidade esotérica. Com um olho semicerrado e dois dedos apoiados na testa, a astúcia do seu olhar tornava-se verdadeiramente assombrosa. Perfurava suas interlocutoras com isso, com o cinismo desse olhar violava suas reservas mais íntimas, alcançava-as nos fundos mais escondidos da casa, encostava-as na parede e lhes fazia cócegas, arranhava-as com um dedo irônico até fazer brotar delas uma centelha de compreensão e um sorriso, um sorriso de confissão e de cumplicidade com que enfim se rendiam.

As moças ficavam sentadas sem se mexer, o candeeiro fumegava, o pano sob a agulha da máquina de costura já caíra havia muito, a máquina trabalhava no vazio, pespontando o negro pano sem estrelas que lá fora se desenrolava da tira da noite de inverno.

– Já vivemos tempo demais sob o terror da inigualável perfeição do Demiurgos – dizia meu pai –, a perfeição de sua obra paralisou por tempo demais a nossa própria criatividade. Não queremos competir com ele. Não temos pretensão de igualá-lo. Queremos ser criadores na nossa própria esfera, mais baixa, desejamos a criatividade para nós, desejamos o êxtase da criação – numa palavra, a demiurgia. – Não sei em nome de quem meu pai proclamava esses postulados, qual comunidade, corporação, seita ou ordem reforçava com sua solidariedade o *páthos* dessas palavras. Quanto a nós, estávamos bem longe de qualquer ambição demiúrgica.

Meu pai, porém, desenvolvia o programa daquela outra criação demiúrgica, a visão daquela segunda geração de criaturas, que deveria opôr-se abertamente ao domínio da época atual. – Não fazemos

questão – dizia ele – das obras de grande fôlego, dos seres de longa duração. As nossas criaturas não serão heróis de romances volumosos. Seus papéis serão curtos, lapidares, seu caráter sem profundidade. Às vezes, por um só gesto, uma só palavra, nos daremos ao trabalho de trazê-las por um instante à vida. Reconhecemos com toda a franqueza: não faremos questão da durabilidade ou da solidez do produto, as nossas criaturas serão como que provisórias, feitas para servir uma só vez. Se forem seres humanos, lhes daremos, por exemplo, apenas metade do rosto, um braço, uma perna, justamente aquela que o seu papel exige. Seria pedantismo preocupar-se com a outra perna, uma vez que ela não entra no jogo. E nas costas elas podem ser simplesmente costuradas ou pintadas de branco. Resumiremos a nossa ambição nesta orgulhosa divisa: um ator para cada gesto. Para cada palavra, cada ato, faremos nascer um homem especial. É isso que nos agrada, esse será o mundo segundo o nosso gosto. O Demiurgos apaixonava-se por materiais requintados, perfeitos e sofisticados – nós damos preferência ao barato. Simplesmente nos empolga e arrebata a precariedade, o mal-acabamento e a vulgaridade do material. Será que vocês compreendem – perguntava meu pai – o sentido profundo dessa fraqueza, dessa paixão por papel de seda sarapintado, *papier mâché*, tinta de lacre, estopa e serragem? Esse – dizia com um sorriso doloroso – é o nosso amor pela matéria como tal, pelo que ela tem de macio e de poroso, por essa sua consistência mística única. O Demiurgos, esse grande mestre e artista, torna-a invisível, faz com que ela desapareça no jogo da vida. Nós, pelo contrário, gostamos do seu rangido, da sua resistência, da sua inabilidade rústica. Agrada-nos ver em cada gesto seu, em cada movimento, um esforço lento, uma inércia, uma doçura ursina.

As moças continuavam sentadas, imóveis, de olhos vidrados. Tinham o rosto alongado e entontecido de tanto escutar, as bochechas retocadas por rubores, e não era fácil perceber naquele momento de que geração de seres faziam parte, se da primeira ou da segunda.

– Numa palavra – concluiu meu pai –, queremos criar o homem pela segunda vez, à imagem e semelhança do manequim.

A fidelidade do relato exige que se mencione aqui um pequeno e fútil incidente, ocorrido neste exato momento da preleção, mesmo que não lhe demos a menor importância. Completamente incompreensível e sem sentido nessa sequência de fatos, talvez possa ser explicado como uma espécie de automatismo residual, sem antecedentes e sem continuidade, uma espécie de malícia do objeto deslocada para o domínio psíquico. Aconselhamos ao leitor que o ignore, assim como nós o ignoramos. Eis como aconteceu:

No momento em que meu pai pronunciava a palavra “manequim”, Adela olhou para seu relógio de pulso e piscou o olho para Polda. Em seguida, puxou sua cadeira um palmo para a frente, levantou a barra do vestido, revelando lentamente seu pé banhado em seda negra, e o esticou como a cabeça de uma serpente.

Ficou sentada assim durante toda essa cena, completamente rígida, piscando as pálpebras nos olhos grandes que o azul da atropina deixava ainda mais profundos, com Polda e Paulina dos lados. Todas as três fitavam meu pai com olhos arregalados. Ele tossiu, emudeceu, debruçou-se e, de repente, ficou todo vermelho. Num só instante, os lineamentos de seu rosto, há pouco tão desarranjados e vibrantes, fecharam-se em feições humildes.

Ele, o heresiarca inspirado, que mal saía do vendaval de enlevo, encolheu-se de repente, desmoronou e enrolou-se em si mesmo. Talvez tivesse sido trocado por outro, e era esse outro que estava agora sentado ali, rígido, muito corado, de olhos baixos. Polda aproximou-se e se debruçou sobre ele. Dando-lhe palmadinhas nas costas, ela disse num tom de suave encorajamento: – O Jakub vai ter juízo, o Jakub vai escutar, o Jakub não vai ser teimoso. Por favor… Jakub, Jakub…

O sapatinho exposto de Adela tremia levemente e brilhava feito uma língua de serpente. Meu pai levantou-se devagar, de olhos baixos avançou um passo, como um autômato, e caiu de joelhos. O candeeiro assobiava em silêncio, no matagal do papel de parede corriam de um lado para o outro olhares eloquentes, sussurros de línguas venenosas, ziguezagues de pensamentos…

Tratado dos manequins
Continuação

Na noite seguinte, meu pai retomou, com energia renovada, seu obscuro e complicado tema. O lineamento de suas rugas desenrolava-se e enrolava-se com astúcia refinada. Em cada espiral escondia-se um míssil de ironia. Mas de vez em quando a inspiração dilatava os círculos das rugas, que cresciam provocando um tremendo horror centrífugo e fugiam em silenciosas volutas para as profundezas da noite de inverno. – Figuras de museu de cera, minhas senhoras – começou ele –, paródias plebeias de manequins… tomem cuidado para não menosprezá-las, mesmo nessas formas. A matéria não sabe brincar. Está sempre repleta de uma trágica seriedade. Quem ousaria pensar que se pode brincar com a matéria, moldá-la brincando, e que essa brincadeira não se encrava nela, não a penetra imediatamente como um destino, uma fatalidade? Vocês não sentem a dor, o sofrimento obscuro e não liberto desse fantoche aprisionado na matéria, que não sabe a razão de ser desse jeito, nem por que deve permanecer assim, nessa forma paródica, imposta com tanta violência? Vocês compreendem o poder da expressão, da forma, da aparência, a arbitrariedade tirânica com que se atiram a um bloco indefeso e o dominam como se fossem sua própria alma, tirânica e presunçosa? Vocês enxertam numa cabeça de pano e estopa uma expressão de cólera e depois deixam-na para sempre com essa cólera, essa convulsão, essa tensão, fechada em uma raiva cega para a qual não há nenhum escape. A multidão ri dessa paródia. Chorem, minhas senhoras, chorem seu próprio destino, ao ver esse triste estado da matéria, matéria oprimida que não sabe quem é e por que é, nem para onde leva esse gesto que lhe foi imposto para todo o sempre.

A multidão ri. Será que vocês compreendem que sadismo horrível, que crueldade demiúrgica e embriagadora há nesse riso? O que nos resta, minhas senhoras, é chorarmos o nosso próprio destino diante

dessa sorte miserável da matéria, matéria violentada, vítima de um tremendo abuso. Daí vem, minhas senhoras, a terrível tristeza de todos os *golens*{7} grotescos, de todos os fantoches, imersos numa trágica meditação sobre suas engraçadas caretas.

Vejam o anarquista Lucchesini,{8} assassino da imperatriz Elizabete, vejam Draga,{9} demoníaca e desventurada rainha da Sérvia, vejam esse jovem superdotado, esperança e orgulho da família, que se perdeu no vício nefasto do onanismo. Ó ironia desses nomes, dessas aparências!

Será que há nesse fantoche algo da rainha Draga, uma sósia ou pelo menos uma sombra do seu ser, nem que seja a mais remota? Essa semelhança, essa aparência e esse nome nos tranquilizam e impedem que perguntemos quem é para si mesma essa criatura infeliz. No entanto, minhas senhoras, deve ser alguém, alguém anônimo, alguém terrível, alguém infeliz, alguém que nunca em sua vida surda tinha ouvido falar da rainha Draga…

Já ouviram alguma vez à noite os uivos horrorosos desses fantoches de cera trancados em barracas de feira, o coro lamentável dessas carcaças de madeira e porcelana esmurrando as paredes de sua prisão?

No rosto de meu pai, transtornado pelo horror das coisas evocadas das trevas por ele, formou-se um turbilhão de rugas, uma cratera que aumentava, e no fundo da qual ardia o olho terrível do profeta. Sua barba eriçou-se de modo estranho, os pincéis e os tufos de pelos que disparavam das verrugas, das pintas e das narinas arrepiaram-se em suas raízes. Ficou assim, entorpecido, com olhos ardentes, tremendo de uma agitação interior, feito um autômato que enguiçou e parou em ponto morto.

Adela levantou-se, pedindo que fechássemos os olhos para o que ia acontecer. Depois se aproximou de meu pai e, com as mãos nos quadris, com uma firmeza bem acentuada, exigiu categoricamente…

– – – –

estranha letargia…

Tratado dos manequins
Final

Numa das noites seguintes, meu pai retomou sua preleção com estas palavras:

– Não era desses mal-entendidos encarnados, minhas senhoras, não era dessas tristes paródias, frutos de uma grosseira e vulgar incontinência, que eu queria falar quando anunciei meu tratado dos manequins. Eu pensava em outra coisa.

E meu pai começou a desenhar perante nossos olhos o quadro dessa *generatio aequivoca*{10} sonhada por ele, uma geração de seres semiorgânicos, uma pseudovegetação e uma pseudofauna, resultado de uma fantástica fermentação da matéria.

Pareciam seres vivos, vertebrados, crustáceos, artrópodes, mas era uma aparência enganadora. Na verdade, eram seres amorfos, desprovidos de estrutura interna, produtos da tendência imitadora da matéria, que, dotada de memória, repete por hábito as formas já adotadas uma vez. Em geral, a escala morfológica da matéria é limitada, e certa quantidade de formas se repete constantemente nos diversos pavimentos do ser.

Tais seres, móveis e sensíveis aos estímulos, porém afastados da verdadeira vida, podiam ser obtidos pela suspensão de certos coloides mais complexos numa solução de sal de cozinha. Ao fim de alguns dias, os coloides organizavam-se formando certas condensações da substância, que lembravam formas inferiores da fauna.

Nos seres nascidos dessa forma podiam constatar-se processos de respiração e metabolismo, mas a análise química não detectava o menor vestígio de albuminoides nem sequer de compostos de carbono.{11}

Porém, essas formas primitivas não eram nada se comparadas à riqueza e à maravilha da pseudofauna e da pseudoflora que aparecem

às vezes em certos meios rigorosamente definidos. São velhos apartamentos, saturados da emanação de muitas vidas e de muitos eventos – atmosferas gastas, ricas em ingredientes específicos dos sonhos humanos, ruínas abundantes em humo de recordações, de saudades e de tédio estéril. Era nesse solo que aquela pseudovegetação germinava rápida e superficialmente, parasitava abundante e efêmera, produzia gerações de curta duração que floresciam súbita e esplendidamente, para se apagar e murchar logo em seguida.

Os papéis de parede desses apartamentos já devem estar muito gastos e entediados com a perpétua peregrinação por todas as cadências do ritmo. Não é de estranhar que se percam nos desvios de miragens longínquas e arriscadas. A medula dos móveis, sua substância, deve estar relaxada, degenerada e sujeita a tentações devassas. E então, nesse terreno doente, esgotado e selvagem, desabrocha, parecendo uma erupção fantástica, um mofo exuberante e colorido.

– As senhoras bem sabem – dizia meu pai – que nas casas velhas há quartos que foram esquecidos. Não visitados meses inteiros, fenecem no abandono entre as velhas paredes, e pode acontecer que se fechem em si mesmos, cubram-se de tijolos e, irremediavelmente perdidos para a nossa memória, percam também aos poucos a própria vida. As portas que levam até eles de um dos patamares da escada dos fundos podem ficar despercebidas tanto tempo que chegam a entrar, a encravar-se na parede, que apaga seus vestígios num desenho fantástico de fendas e fissuras.

– Certa madrugada de fim de inverno – dizia meu pai –, percorri um desses trajetos, após ter estado ausente alguns meses, e fiquei pasmado com o aspecto desses quartos.

De todas as fendas do assoalho, de todas as cornijas e portinholas irrompiam brotos finos, enchendo o ar acinzentado de uma folhagem filigranada, a brenha rendada de uma estufa cheia de sussurros, brilhos e oscilações de uma falsa e deliciosa primavera. Em torno da cama, debaixo de um lampadário de muitas ramificações, ao longo dos armários, balançavam capões de árvores delicadas, dissipando-se em

coroas luminosas, em fontes de folhagem rendada que espalhavam clorofila pulverizada no céu pintado do teto. Num processo de acelerada floração, germinavam entre as folhas enormes flores brancas e cor-de-rosa, brotavam a olhos vistos, balançavam por dentro com sua polpa rósea e transbordavam, perdendo as pétalas e desmanchando-se numa rápida desfloração.

– Fiquei feliz – dizia meu pai – com aquela floração inesperada, que encheu o ar de um sussurro cintilante, de um suave murmúrio, e que através das varetas dos galhos transbordava feito confete colorido.

Eu podia ver a vibração do ar e a fermentação da aura exuberante exalando e materializando essa floração precipitada, esse derramamento e desintegração de prodigiosos oleandros, que enchiam o quarto de uma rara e preguiçosa nevasca de enormes cachos de flores cor-de-rosa.

– Antes que escurecesse – terminava meu pai –, apagavam-se os últimos vestígios dessa magnífica floração. Toda essa miragem não passava de uma mistificação, de um caso de estranhíssima simulação da matéria fingindo a vida.

Nesse dia meu pai demonstrava uma estranha vivacidade. Seu olhar, olhar astuto, olhar irônico, jorrava entusiasmo e bom humor. De repente, ficava muito sério e examinava de novo a infinita escala de formas e matizes que a matéria polimorfa costumava adotar. Fascinavam-no formas limítrofes, duvidosas e problemáticas, tais como o ectoplasma dos sonambúlicos, pseudomatéria ou emanação cataléptica do cérebro, que em certos casos sai da boca da pessoa adormecida espalhando-se pela mesa inteira, enchendo o quarto como um ralo tecido flutuante, uma espécie de massa astral entre o corpo e o espírito.

– Quem poderia saber – dizia ele – quantas são as formas de vida aleijadas, sofridas e fragmentadas, como a vida dos armários e das mesas, montados artificialmente, pregados à força, madeira crucificada, silenciosos mártires do engenho cruel dos homens? Terríveis transplantes de raças diferentes de madeira que se odeiam, fundidas numa única e infeliz personalidade…

Quanto sofrimento antigo e sábio há nos anéis envernizados, nas veias e nervuras de nossos antigos armários de confiança? Quem poderia reconhecer neles as feições, os sorrisos e os olhares antigos, quase invisíveis de tão aplainados e polidos que são?

Enquanto meu pai falava, seu rosto cobria-se de uma rede pensativa de rugas, lembrando os anéis e os nós de uma velha tábua de que tivessem lixado todas as recordações. Por um instante pareceu-nos que ia cair na prostração que às vezes o dominava, mas acordou, recuperou o domínio de si e prosseguiu:

– As antigas tribos místicas embalsamavam seus mortos. Nas paredes de suas casas havia rostos e corpos embutidos. Na sala ficava o pai empalhado, enquanto a esposa defunta, bem curtida, servia de tapete debaixo da mesa. Conheci um capitão que tinha em seu camarote um lustre confeccionado por embalsamadores malaios com o corpo de sua amante assassinada. A cabeça dela tinha enormes chifres de veado.

No silêncio do camarote, a cabeça presa ao teto entre galhos de chifres abria devagar os cílios: na boca entreaberta brilhava uma membrana de saliva que qualquer sussurro podia romper. Polvos, tartarugas e enormes caranguejos, pendurados nas vigas do teto como candelabros ou lustres, mexiam as pernas sem parar nesse silêncio, andando, andando sem sair do lugar _ _ _ _ _ _ _ _ _

O rosto de meu pai assumiu de repente uma expressão de tristeza e ansiedade, enquanto seus pensamentos, percorrendo os caminhos de estranhas associações, se depararam com novos exemplos:

– Devo silenciar – perguntava em voz baixa – sobre o fato de meu irmão, em consequência de uma longa e incurável doença, ter se transformado aos poucos num rolo de tripas de borracha e de minha pobre prima ter cuidado dele dia e noite, cantarolando à pobre criatura as intermináveis canções de ninar das noites de inverno? Há coisa mais triste do que um ser humano transformado em tripa de borracha? Que decepção para os pais, que perturbação para seus sentimentos, que ruína de todas as esperanças depositadas num jovem que prometia tanto! Mas o amor fiel de minha pobre prima o

acompanhou também nessa metamorfose.

– Ah! Não posso, não posso mais ouvir! – gemeu Polda inclinando-se na cadeira. – Acalme-o, Adela! _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _

As moças se levantaram. Adela se aproximou de meu pai com o dedo estendido num gesto de fazer cócegas. Meu pai confundiu-se, emudeceu e, cheio de pavor, começou a recuar fugindo do dedo de Adela. Ela o seguia acenando venenosamente com o dedo e empurrando-o, passo a passo, para fora da sala. Paulina bocejou e espreguiçou-se. Encostadas uma na outra, Paulina e Polda olharam-se nos olhos com um sorriso.

Nemrod

Passei o mês de agosto daquele ano brincando com um pequeno extraordinário cachorrinho que um belo dia apareceu ganindo no assoalho da nossa cozinha, todo desajeitado, ainda com cheiro de leite e de bebê, com a cabecinha redonda, ainda não formada, que tremia, com as patinhas de toupeira escarranchadas e o pelo mais delicado e macio.

Já à primeira vista essa migalha de vida conquistou toda a admiração, todo o entusiasmo da alma pueril.

De que céu caíra tão inesperadamente esse favorito dos deuses, mais querido que os melhores brinquedos? Como podem as velhas e desinteressantes lavadeiras ter ideias tão magníficas e trazer do subúrbio para nossa cozinha, bem cedo, numa hora transcendentalmente matutina, um cachorrinho desses?

Ah! eu ainda estava ausente, não nascido, ainda não tinha saído, infelizmente, do ventre escuro do sono, quando a felicidade já se fazia presente, já nos esperava, deitada no assoalho fresco da cozinha, ignorada por Adela e pelos outros moradores. Por que não me acordaram mais cedo? Um pratinho de leite no chão testemunhava os impulsos maternais de Adela, mas, infelizmente, testemunhava também os momentos do passado para mim perdidos para sempre, ou seja, as delícias da maternidade adotiva de que não pude participar.

Mas eu ainda tinha todo o futuro à minha frente. Que imensidão de experiências, experimentos e descobertas abria-se agora! O segredo da vida, seu mistério mais profundo, reduzido a essa forma mais simples e mais jeitosa de brinquedo, abria-se aqui para uma insaciável curiosidade. Era muito interessante ter para si esse pedacinho de vida, essa partícula de mistério perpétuo de forma tão engraçada e nova, despertando enorme curiosidade e enigmático respeito por ser tão estranha, tão inesperada, essa transposição da mesma trama de vida que estava em nós, em forma diferente da nossa, em forma animal.

Animais! Alvo de curiosidade insaciável, exemplos do mistério da vida, como que criados para mostrar o homem ao homem, para decompor sua riqueza e complexidade em mil possibilidades caleidoscópicas, cada uma levada a um fim paradoxal, a uma exuberância dotada de forte caráter. Livre da teia de interesses egotistas que perturbam as relações inter-humanas, o coração abria-se cheio de simpatia pelas emanações da vida perpétua, cheio de uma curiosidade amorosa e cooperativa que, no fundo, era uma disfarçada fome de autoconhecimento.

O cachorrinho era de veludo quente e palpitante com um pequeno e apressado coração. Tinha duas macias pétalas de orelha, olhos azulados e turvos, um focinho rosado, em que se podia colocar o dedo sem nenhum perigo, patinhas delicadas e inocentes com uma comovente verruga cor-de-rosa em cima e detrás das patas dianteiras. Com elas entrava na tigela de leite, guloso e impaciente, sorvendo o líquido com a língua rosada; saciada a fome, levantava tristemente o focinho com um pingo de leite no queixo e retirava-se, todo desajeitado, desse banho lácteo.

Seu passo era um rolamento inábil, de lado e de viés, numa direção indecisa, seguindo uma linha um pouco embriagada e vacilante. A dominante de seu estado de espírito era uma tristeza profunda e indefinida, uma orfandade e um desamparo, ou seja, uma incapacidade de preencher o vazio da vida entre um e outro sensacional evento da refeição. Era o que revelavam os movimentos sem nenhum plano ou consequência, os ataques irracionais de nostalgia com um gemido triste e a incapacidade de achar um lugar. Até em seu sono profundo, em que para satisfazer a necessidade de apoio e aconchego tinha de usar a própria pessoa, enrolada num novelo que tremia, acompanhava-o a consciência da solidão e do desamparo. Ah, uma vida, uma vida jovem e frágil, solta da escuridão confiável, do calor aconchegante do ventre materno para um mundo enorme, estranho e luminoso! Como ela se encolhe e recua, como se recusa a aceitar essa empresa que lhe propõem, quão desanimada e cheia de aversão ela é!

Mas pouco a pouco o pequeno Nemrod (esse é o nome orgulhoso e guerreiro que tinha recebido)[12] começa a saborear a vida. A submissão total à imagem da união primordial materna cede lugar aos encantos da diversidade.

O mundo começa a armar-lhe suas armadilhas: o desconhecido e cativante sabor dos alimentos, o quadrilátero de sol matutino no assoalho, no qual é tão bom se deitar, o movimento dos próprios membros, das patinhas, do rabinho convidando-lhe graciosamente para brincar consigo mesmo, as carícias da mão humana sob a qual amadurece lentamente certa travessura, uma alegria que enche o corpo, produzindo a necessidade de novos, impetuosos e arriscados movimentos – tudo isso suborna, persuade e encoraja a aceitar, a conformar-se com o experimento da vida.

E mais uma coisa. Nemrod começa a perceber que tudo o que lhe oferecem aqui é, apesar do ar de novidade, algo que no fundo já havia acontecido – muitas, inúmeras vezes. Seu corpo reconhece as situações, as impressões e os objetos. No fundo, tudo isso não o surpreende muito. Em face de cada nova situação ele mergulha em sua memória, na memória profunda de seu corpo, para encontrar em si mesmo, numa busca febril, às apalpadelas, a reação apropriada, já pronta: a sabedoria de gerações depositada em seu plasma, em seus nervos. Encontra atos e decisões que ele próprio não sabia ter em si, já amadurecidos, prontos para saltar.

O cenário de sua vida jovem, uma cozinha com bacias cheirosas, com panos de um perfume complicado e intrigante, com os estalidos dos chinelos de Adela e seu barulhento vaivém – não o assusta mais. Já se acostumou a considerá-lo seu próprio domínio, sua casa, e até começou a desenvolver uma vaga noção de pátria.

A não ser que, de repente, caia sobre ele o cataclismo da faxina: violação das leis da natureza, banhos quentes de lixívia solapando todos os móveis, e o ruído terrível das escovas de Adela.

Mas o perigo passa, a escova sossega em silêncio num canto, o assoalho vai secando e tem um cheiro agradável de madeira molhada. Restituídos seus direitos e liberdades no território que lhe pertence,

Nemrod sente uma vontade irresistível de morder um velho cobertor no assoalho e puxá-lo para todos os lados. A pacificação dos elementos enche-o de uma alegria indizível.

De repente, fica pasmo: uns três passos caninos à sua frente avança um monstro negro, arrastando-se depressa nas varinhas emaranhadas de suas inúmeras pernas. Profundamente chocado, Nemrod segue com os olhos o percurso oblíquo do inseto brilhante, observando, muito tenso, aquela carcaça achatada, cega e sem cabeça, carregada pela extraordinária movimentação de suas pernas de aranha.

Diante de tudo isso, algo cresce, amadurece, incha dentro dele, algo que ele próprio ainda não percebe, como se fosse cólera ou medo, mas agradável, misturado a um frêmito de poder, autoafirmação, agressividade.

Subitamente inclina-se sobre as patinhas dianteiras e solta uma voz que nem ele mesmo conhece, uma voz estranha, bem diferente de um simples vagido.

Solta uma vez e outra, e mais uma, esse agudo soprano que descarrila.

Mas apostrofa em vão o inseto nessa nova língua, gerada de uma súbita inspiração. Nas categorias mentais do ortóptero não há lugar para uma tirada como essa, e o inseto continua seguindo sua rota oblíqua rumo ao canto da sala, com os movimentos santificados pelo rito milenar das baratas.

Porém os sentimentos de ódio ainda não ganharam força nem durabilidade na alma do cachorrinho. Recém-desperta, a felicidade de viver transforma cada sentimento em alegria. Nemrod ainda late, mas a significação desse latido mudou, ele se tornou despercebidamente sua própria paródia – desejava exprimir, no fundo, o sucesso inominável dessa extraordinária empresa da vida, cheia de coisas picantes, frêmitos e desfechos inesperados.



Pã

No canto, entre as paredes dos fundos dos galpões e dos anexos, havia um pátio, um beco, o mais distante e último estuário, fechado entre a despensa, a latrina e a parede de trás do galinheiro – uma baía perdida e sem saída.

Era o cabo mais distante, o Gibraltar do pátio, que batia desesperadamente a cabeça na cerca cega feita de tábuas horizontais, a última e definitiva parede deste mundo.

Por baixo de suas traves musgosas, escorria um negro e fedorento fio de água, um veio de lodo gorduroso e putrescente que nunca secava – único caminho que levava ao mundo para além da fronteira da cerca. Mas o desespero desse beco fétido batia tanto a cabeça nessa barreira que afrouxou uma das enormes tábuas horizontais. Nós, meninos, fizemos o resto, arrombando a tábua musgosa e pesada, tirando-a do lugar. Abrimos assim uma brecha, uma janela ao sol. Pisando na tábua lançada como uma ponte sobre a poça, o prisioneiro do pátio podia espremer-se em posição horizontal pela fenda que o deixava entrar num mundo novo, vasto e arejado. Ali havia um jardim enorme, velho e selvagem. Nele cresciam pereiras altas e macieiras ramalhudas, em grupos esparsos e poderosos, cobertas de um sussurro prateado, de uma rede de brilhos alvejantes que fervilhava. Uma grama luxuriante, confusa e não cortada cobria as ondulações do terreno com uma peliça lanuginosa. Havia ali talos gramíneos comuns do campo, com caudas penudas de espigas, havia filigranas delicadas de salsas e cenouras silvestres, folhas de heras enrugadas e ásperas, e urtigas cegas cheirando a menta, ervas plantagináceas fibrosas e brilhantes, pintadas de ferrugem, disparando cachos de cevada vermelha e grossa. Tudo isso, emaranhado e fofo, estava permeado de um ar suave, forrado com um vento azul impregnado de céu. Quem se deitava na grama ficava coberto por toda a geografia azul de nuvens e continentes flutuantes, respirava todo o vasto mapa do céu. De tanto

conviver com o ar, as folhas e os brotos cobriam-se de pelos delicados, de uma camada macia de penugem, de sedas ásperas de anzóis, como se quisessem apanhar e prender os fluxos de oxigênio. Essa camada delicada e branca aparentava as folhas com a atmosfera, dava-lhes o brilho prateado e pardo das ondas do ar, das meditações sombreadas entre dois clarões do sol. Uma dessas plantas, amarela e cheia de seiva leitosa nos caules pálidos, inchada de ar, destilava de seus brotos vazios somente ar, somente a penugem em forma de bolas peníferas de dente-de-leão, que o vento espalhava e que se infiltrava, sem ruído, no silêncio azul.

O jardim era extenso, ramificado em muitos braços, e tinha vários climas e zonas. De um lado era aberto, cheio do leite dos céus e do ar, e com o verde mais delicado, mais macio e fofo, fazia uma cama para o céu. Mas, à medida que descia ao fundo de um longo braço e mergulhava na sombra entre a parede traseira de uma fábrica de água gasosa abandonada e a longa parede de um paiol em ruínas, tornava-se nebuloso, arrogante e descuidado, embrenhava-se selvagem e desmazelado, ameaçava urtigas, ouriçava-se em cardos, ficava sarnento de tanta erva daninha que o cobria, até que, bem no final, entre as paredes, numa larga baía retangular, perdia todas as medidas e se enfurecia. Ali já não era um jardim, mas um paroxismo de loucura, uma explosão de raiva, um impudor cínico e uma devassidão. Ali, em fúria, extravasando sua cólera, grassavam couves de bardanas, ocas e selvagens – enormes bruxas, despindo-se à luz do dia de suas largas saias, tirando-as uma após a outra, até que seus enfunados, sussurrantes e esburacados farrapos cobrissem com mantas enlouquecidas sua belicosa tribo bastarda. E as saias vorazes inchavam, empurravam-se e amontoavam-se, dilatavam-se e cobriam-se mutuamente, crescendo todas numa massa assoprada de chapas folhosas até o beiral baixo do paiol.

Foi ali que o vi uma única vez na vida, na hora desacordada de calor do meio-dia. Naquela hora que o tempo, alucinado e selvagem, escapa do engenho dos acontecimentos e corre gritando pelos campos feito um vagabundo fugitivo. E então o verão, perdendo o controle, cresce

incalculável e desmedidamente em toda a sua extensão, cresce com ímpeto selvagem em todos os pontos, multiplicando-se, triplicando-se num outro tempo, degenerado, numa dimensão desconhecida, numa loucura.

Naquela hora apoderava-se de mim uma furiosa vontade de caçar borboletas, a paixão de perseguir essas pequenas manchas tremeluzentes, essas pétalas vagas e brancas, que tremiam num zigue-zague tolhido no ar afogueado. E foi então que uma dessas pequenas manchas berrantes partiu-se, em pleno voo, em duas, depois em três – e esse tremeluzente e ofuscante ponto triplo me guiava como um fogo-fátuo através do delírio dos cardos ardentes ao sol.

Parei somente na fronteira de bardanas, sem coragem de mergulhar naquele abismo surdo.

E foi naquele momento que de repente o avistei.

Acocorava-se na minha frente, imerso até as axilas nas bardanas.

Vi seus ombros grossos cobertos por uma camisa suja e um desmazelado farrapo de jaquetão. Agachado como se quisesse dar um salto, sentava assim, parecendo carregar nos ombros um grande peso. Seu corpo arquejava de tanta tensão, e do seu rosto de cobre, resplandecente ao sol, escorria suor. Estava parado, mas parecia trabalhar duro, lutar sem nenhum movimento contra um fardo enorme.

Fui hipnotizado por seu olhar, que me prendia como tenaz.

Era um rosto de vagabundo ou bêbado. Um feixe de cabelo sujo amotinava-se sobre a testa alta e bojuda como uma bola de pedra lavrada pelo rio. Mas era uma testa retorcida com rugas profundas. Não se sabe se foi a dor, se o fogo do sol ardente ou um esforço sobre-humano que se enroscou assim naquele rosto, retesando suas feições até o limite. Seus olhos negros cravaram-se em mim com a intensidade do maior sofrimento ou desespero. Esses olhos me fitavam e não fitavam, me viam e não me viam ao mesmo tempo. Eram globos quase a rebentar, forçados num êxtase de dor ou num gozo selvagem de inspiração.

E de repente, dessas feições esticadas a ponto de romper-se,

emergiu uma terrível careta, fraturada pela dor, careta que ia crescendo, incorporando aquela loucura e inspiração com que inchava, emergindo cada vez mais, até desprender-se com a tosse roncante e rugidora do riso.

Profundamente chocado, vi como, estourando com o riso de seus poderosos pulmões, levantou-se devagar e, curvado feito um gorila, as mãos nos farrapos das calças que caíam, fugiu dando saltos enormes sobre as chapas ondulantes de bardanas – Pã sem flauta, retirando-se em pânico para sua floresta natal.

O sr. Karol

Sábado à tarde, meu tio Karol, temporariamente solteiro, caminhava até um lugar a uma hora de distância da cidade para visitar a mulher e os filhos, que ali estavam a veranear.

Desde que sua mulher viajara, a casa nunca mais fora arrumada, a cama nunca mais fora feita. O sr. Karol chegava em casa muito tarde, esgotado e devastado pelas farras noturnas a que o arrastavam esses dias quentes e vazios. A cama com os lençóis amarrotados, frescos e dispersos era para ele um porto esplêndido, uma ilha de salvação a que aportava com o resto de suas forças, um náufrago, muitos dias e noites jogado no mar revolto.

Às apalpadelas, no escuro, afundava-se no meio das montanhas brancas, serras e montes de penugem fresca, e assim dormia, numa direção desconhecida, ao revés, com a cabeça para baixo e a testa encravada na polpa fofa da cama, como se quisesse perfurar, percorrer de lés a lés durante o sono os enormes maciços de edredons que cresciam à noite. Lutava com eles como o nadador luta com a água, sovava, amassava-os com o próprio corpo como se fossem um enorme tabuleiro cheio de massa, no qual mergulhava para acordar ao amanhecer banhado de suor, ofegante, jogado na beira desse monte de edredons, que não fora capaz de vencer na dura peleja noturna. Assim, meio lançado às margens do sono, pendia ainda um pouco na beira da noite, desacordado, atraindo o ar aos pulmões, e o edredom crescia em volta dele, enchia e fermentava, e cobria-o de novo com uma porção pesada de massa esbranquiçada.

Dormia assim quase até o meio-dia, enquanto os travesseiros formavam uma enorme planície branca, onde seu sono passeava apaziguado. Por esses caminhos brancos voltava para si mesmo, para o dia, para o mundo real – e finalmente abria os olhos, como um passageiro adormecido quando o trem chega à estação.

Reinava no quarto uma penumbra assentada com os sedimentos de

muitos dias de solidão e silêncio. Apenas a janela fervilhava com o enxame matutino de moscas, e as cortinas crepitavam em chamas berrantes. O sr. Karol bocejava, expirando de seu corpo, do fundo de suas cavidades, os restos do dia anterior. Esse bocejo o dominava como convulsões, como se quisesse virá-lo pelo avesso. Assim ele expelia a areia e os pesos – os restos não digeridos do dia anterior.

Aliviado e mais desinibido, anotava os gastos na agenda, fazia cálculos e sonhava. Depois ficava deitado ainda muito tempo, imóvel, com os olhos cor de água vidrados, convexos e úmidos. Na penumbra aquosa do quarto, iluminada pelo reflexo da canícula do outro lado das cortinas, seus olhos, como espelhos pequeninos, refletiam todos os objetos brilhantes – as manchas brancas do sol nas frestas da janela, o retângulo dourado das cortinas – e reproduziam como uma gota d'água todo o quarto, com o silêncio dos tapetes e das cadeiras vazias.

Entretanto, do lado de lá das cortinas, o dia ressoava, cada vez mais inflamado pelo zumbido das moscas enlouquecidas com o sol. A janela não podia conter esse incêndio branco, e as cortinas desmaiavam em ondulações luminosas.

Ele saía então do fundo do edredom, mas ainda ficava sentado algum tempo na cama, gemendo inconsciente. Seu corpo de homem de trinta e poucos anos começava a tender para a obesidade. Nesse organismo, inchado de gordura, gasto pelos abusos sexuais, mas ainda exuberante de sucos viçosos, parecia agora amadurecer aos poucos, em silêncio, seu futuro destino.

Quando ficava assim sentado, num estupor desatinado e vegetativo, todo transformado em circulação, em respiração, em pulsação profunda dos sucos, do imo de seu corpo, suado e coberto de pelos em diversos lugares, brotava um futuro ignoto e não articulado, como uma monstruosa excrescência, alastrando-se prodigiosamente numa dimensão desconhecida. Não o assustava, pois ele já se identificava com aquilo que estava chegando, enorme e obscuro, e crescia junto com isso, sem nenhuma resistência, numa estranha harmonia, estupefato de um horror sereno, reconhecendo seu próprio futuro naquele afloramento colossal, naqueles fantásticos amontoados que

amadureciam diante de seu olhar interior. Naquele momento, um de seus olhos se desviava levemente para o lado, como se estivesse partindo para outra dimensão.

Depois voltava desses desnorteamentos insensatos, dessas distâncias perdidas, para ficar de novo consigo mesmo e com seu tempo; observava os pés no tapete, gordos e delicados como os de uma mulher, e tirava lentamente as abotoaduras douradas dos punhos da camisa. Depois ia para a cozinha, onde num canto sombreado encontrava um balde com água, um espelho circular silencioso e vigilante que ali o esperava – o único ser vivo e consciente daquela casa vazia. Punha a água na bacia e saboreava com a pele sua umidade insípida, assentada e doce.

Demorava e caprichava na toalete e, sem pressa alguma, fazia intervalos entre as sucessivas manipulações.

A casa vazia e abandonada não o reconhecia, os móveis e as paredes o seguiam com uma crítica silenciosa.

Ele se sentia, ao adentrar esse silêncio, como um intruso num afundado reino submarino, onde corre outro tempo, um tempo diferente.

Abrindo suas próprias gavetas, ele tinha a sensação de ser um ladrão e, mesmo sem querer, andava na ponta dos pés, com medo de acordar um eco barulhento e excessivo, que só esperava, irritado, o menor pretexto para rebentar.

E quando, enfim, dirigindo-se silenciosamente de um armário a outro, encontrava, um por um, todos os acessórios necessários e terminava sua toalete entre os móveis que o toleravam mudos, com expressão ausente, quando finalmente ficava pronto, então já na saída, com o chapéu na mão, sentia-se ainda tão constrangido que não encontrava nessa última hora uma palavra que dissolvesse o silêncio sinistro, dirigindo-se devagar até a porta, resignado e cabisbaixo – nesse mesmo instante, na direção oposta, no fundo do espelho, alguém para sempre virado de costas afastava-se sem pressa, atravessando um corredor vazio de salas inexistentes.

Lojas de canela

Na época dos dias mais curtos e sonolentos do inverno, emoldurados de ambos os lados, de manhã e ao anoitecer, nas bordas de peliça dos crepúsculos, quando a cidade ramificava-se cada vez mais fundo nos labirintos das noites de inverno e custava-lhe tanto atender às chamadas ao retorno e ao juízo da brevíssima aurora – meu pai já estava perdido, vendido, jurado àquela outra esfera.

Seu rosto e sua cabeça cobriam-se então de um cabelo grisalho revolto e exuberante, sobressaindo em feixes, sedas e longos pincéis irregulares, que disparavam das verrugas, das sobrancelhas, das narinas, dando a sua fisionomia a aparência de uma velha e eriçada raposa.

Seu olfato e sua audição ficavam extremamente aguçados e percebia-se, ao observar o jogo de seu rosto tenso e silencioso, que por intermédio desses sentidos ele se comunicava com o mundo invisível dos recantos sombrios, das tocas de rato, dos espaços carunchosos e vazios debaixo do assoalho e nos dutos da chaminé.

Todos os rangidos, estrépitos noturnos, toda a vida secreta e chiante do assoalho, tinham nele um infalível e zeloso observador, um espião e um co-conspirador. Absorviam-no a ponto de mergulhá-lo completamente nessa esfera para nós inacessível e da qual ele nem sequer tentava nos prestar contas.

Às vezes, quando os excessos dessa esfera invisível tornavam-se demasiado absurdos, ele estalava os dedos e ria baixinho para si mesmo; comunicava-se então pelo olhar com nosso gato, que, também iniciado nesse mundo, levantava o rosto cínico, frio e listrado, e fechava, entediado e indiferente, as frestas oblíquas dos olhos.

Às vezes, durante o almoço, punha de repente o garfo e a faca de lado e, com o guardanapo amarrado ao pescoço, levantava-se feito um gato, rastejava na ponta dos pés até a porta do quarto contíguo vazio e, com a maior cautela, espiava pelo buraquinho da fechadura. Depois

voltava à mesa como que envergonhado, com um sorriso perplexo, em meio aos indistintos resmungos e balbucios do monólogo interior em que estava imerso.

Para distraí-lo um pouco e tirá-lo das meditações doentias, minha mãe o levava a passeios de fim de tarde, aos quais ia calado, sem resistência, mas também sem muita convicção, desatento e ausente de espírito. Uma vez até fomos ao teatro.

Encontramo-nos de novo naquela sala enorme, mal iluminada e suja, cheia de um ruído humano sonolento e de grande tumulto. Mas logo que passamos pela multidão, apareceu na nossa frente um gigantesco pano azul pálido, como o céu de um outro firmamento. Grandes máscaras pintadas, cor-de-rosa, de bochechas inchadas, banhavam-se no imensurável espaço da tela. Esse céu artificial alastrava-se flutuando horizontal e verticalmente, crescendo num enorme sopro de *páthos* e gestos grandiosos na atmosfera daquele mundo artificial e cheio de brilho, construído sobre os andaimes retumbantes do palco. O frêmito que perpassava esse grande rosto do céu, a respiração do pano enorme, que reanimava e fazia crescer as máscaras, revelavam o caráter ilusório desse firmamento, provocavam uma vibração da realidade que em momentos metafísicos sentimos como a cintilação do mistério.

As pálpebras vermelhas das máscaras *trepidavam*, os lábios coloridos murmuravam algo inaudível, e eu sabia que estava para chegar a hora em que a tensão do mistério atingiria o zênite, e então o céu enfunado de pano se romperia de verdade para mostrar, subindo, coisas incríveis e deslumbrantes.

Mas não me foi dado presenciar tudo aquilo, porque meu pai começou a mostrar sintomas de inquietação, a pôr as mãos nos bolsos, para declarar enfim que tinha esquecido a carteira com o dinheiro e documentos importantes.

Após uma rápida consulta com minha mãe, em que a honestidade de Adela foi submetida a uma apressada avaliação geral, propuseram que eu partisse logo para casa à procura da carteira. Segundo minha mãe, ainda faltava muito para o espetáculo começar, e com a minha

agilidade eu poderia voltar a tempo.

Adentrei a noite de inverno, colorida pela iluminação do céu. Era uma dessas noites claras em que o firmamento sideral é tão extenso e ramificado que parece ter sido dissociado, partido e dividido num labirinto de outros céus, suficientes para ser repartidos entre as noites de inverno do mês inteiro e para cobrir com seus abajures prateados e pintados todos os fenômenos noturnos, todas as aventuras, escândalos e carnavais.

Numa noite dessas, é uma leviandade imperdoável mandar um garoto com uma missão tão importante e urgente, porque em sua meia-luz se multiplicam, confundem-se e trocam-se umas ruas com as outras. Abrem-se, no fundo da cidade, por assim dizer, ruas duplas, ruas sósias, ruas mentirosas e enganadoras. A imaginação encantada e confundida produz plantas ilusórias da cidade, supostamente há muito conhecidas e sabidas, nas quais as ruas têm seu lugar e seu nome, mas a noite, em sua inesgotável fertilidade, não tem nada melhor a fazer senão fornecer sempre novas e imaginárias configurações. Essas tentações das noites de inverno costumam começar inocentemente, com a vontade de encurtar o caminho, de usar, em vez da passagem comum, outra mais rápida. Planos tentadores surgem para cortar um caminho complicado através de uma travessa ainda não experimentada. Mas dessa vez o começo foi outro.

Depois de ter dado alguns passos à frente, percebi que estava sem o sobretudo. Quis voltar, mas logo concluí que seria uma desnecessária perda de tempo, porque a noite não estava nada fria, pelo contrário – estava listrada de veios de um estranho calor e de sopros de uma falsa primavera. A neve encolheu em cordeiros brancos, num tosão inocente e doce que cheirava a violetas. Nos mesmos cordeiros dissolveu-se o céu, em que a lua se duplicava e triplicava, exibindo nessa multiplicação todas as suas fases e posições.

Naquele dia o céu desnudava sua estrutura interna em vários preparados como que anatômicos, que mostravam as espirais e os anéis da luz, os cortes dos blocos esverdeados da noite, o plasma dos espaços, os tecidos das miragens noturnas.

Numa noite como essa é impossível andar pela Podwale ou por qualquer outra das ruas escuras, que são o reverso, o forro das quatro linhas da praça, e não se lembrar de que às vezes ainda estão abertas nessa hora tardia algumas daquelas lojas tão atraentes e singulares, esquecidas nos dias comuns. Costumo chamá-las lojas de canela, pela cor dos lambris escuros com que são revestidas.

Esses comércios verdadeiramente nobres, abertos até as horas avançadas da noite, sempre foram objeto dos meus sonhos ardentes.

Seus interiores, mal iluminados, escuros e solenes, tinham o cheiro profundo das tintas, da laca, do incenso, o aroma de países distantes e de matérias raríssimas. Podia-se encontrar ali fogos de bengala, caixinhas mágicas, selos de países há muito desaparecidos, estampas chinesas, índigo, resina de Malabar, ovos de aves exóticas, papagaios, tucanos, salamandras e basiliscos vivos, raiz de mandrágora, mecanismos de Nuremberg, homúnculos em vasos para flores, microscópios e lunetas e, sobretudo, livros raros e extraordinários, velhos fólios, cheios de estranhíssimas gravuras e histórias estonteantes.

Lembro-me desses comerciantes, velhos e cheios de dignidade, que atendiam baixando os olhos, num silêncio discreto, de muita sabedoria e compreensão para com os mais íntimos desejos de seus clientes. Mas, acima de tudo, havia ali uma livraria, em que uma vez folheei impressos raros e proibidos, publicações de sociedades secretas, desvelando mistérios torturantes e deleitosos.

Era tão rara a oportunidade de visitar essas lojas, e ainda por cima com uma pequena mas suficiente quantia de dinheiro no bolso. Não havia como não aproveitar tal ocasião, a despeito importância da missão que nos tivesse sido confiada.

Para chegar à rua das lojas noturnas, era preciso, segundo meus cálculos, embrenhar-se numa rua lateral e passar duas ou três travessas. Isso me desviava do caminho, mas eu podia recuperar o atraso voltando pela estrada de Z˙upy Solne.

Nas asas do desejo de visitar as lojas de canela, virei numa rua conhecida e mais voava do que andava, tomando cuidado para não

errar o caminho. Cruzei assim a terceira e a quarta travessa, e não achava a rua desejada. Tampouco a configuração das ruas correspondia ao que eu esperava. Nenhum sinal das lojas. As casas da rua em que eu passava não tinham portas de entrada, só janelas bem fechadas, ofuscadas pelo luar. A rua verdadeira, pensava eu, deve passar do outro lado dessas casas, e é lá que elas têm as suas entradas. Apressei o passo, inquieto, abdicando, no fundo, da ideia de visitar as lojas. Só queria sair daquele lugar e, o mais rápido possível, encontrar-me de novo na parte conhecida da cidade. Aproximava-me do fim da rua, ansioso, sem saber para onde ela me levaria. Saí numa avenida larga, muito comprida e reta, com poucas casas em volta. Senti logo o sopro de um espaço aberto. Havia ali, junto à rua ou nos fundos dos jardins, vilas pitorescas, casas ornamentadas, de gente rica, entre as quais se viam parques e muros de pomares. De longe, a paisagem lembrava a parte baixa e raramente visitada da rua Lesznia´nska. O luar, dissolvido no céu em milhares de cordeiros e escamas de prata, era pálido e claro como de dia – só os parques e os jardins permaneciam escuros nessa paisagem argêntea.

Olhando bem um dos edifícios, percebi que me encontrava diante de uma parte nunca vista dos fundos do prédio do Ginásio. Eu chegava justamente ao portão e fiquei surpreso ao ver que ele estava aberto, e o saguão iluminado. Entrei pisando o tapete vermelho do corredor. Esperava atravessar despercebido o edifício e sair pelo portão da frente, encurtando bastante o caminho.

Lembrei-me de que nessa hora tardia devia haver na sala do professor Arendt{13} uma daquelas aulas extras, dadas nas altas horas da noite, em que nos reuníamos na época do inverno, ardendo de nobre entusiasmo pelos exercícios de desenho, com que nos inspirava esse excelente professor.

Nosso pequeno e diligente grupo quase se perdia na sala de aula grande e escura, em cujas paredes cresciam e partiam-se as sombras enormes de nossas cabeças, projetadas por duas pequenas velas, acesas em gargalos de garrafas.

Para falar a verdade, não desenhávamos muito nessas horas, nem o

professor era exigente demais. Alguns traziam travesseiros de casa e se deitavam nas carteiras para tirar uma leve soneca. Só os alunos mais dedicados desenhavam junto à vela, no círculo dourado de seu brilho.

Em geral, o professor demorava a chegar, e esperávamos entediados, conversando para enganar o sono. Finalmente a porta da sala dele se abria, e ele entrava, baixo, de barba bonita, cheio de sorrisos esotéricos, reticências discretas e aroma de mistério. Fechava rapidamente a porta do gabinete, através da qual, por um breve momento, podíamos ver, apinhada atrás de sua cabeça, uma multidão de sombras de gesso, fragmentos clássicos, Nióbides, Danaides e Tantálidas dolorosos, todo o Olimpo triste e estéril murchando há anos nesse museu de gesso. Mesmo de dia o crepúsculo desse gabinete embaciava e transvasava sonolento com tantos devaneios de gesso, olhares ocos, semblantes empalidecidos e pensamentos que se esvaíam no nada. Às vezes gostávamos de escutar à porta o silêncio repleto de suspiros e murmúrios desses escombros esmigalhando-se em teias de aranha, desse crepúsculo dos deuses desmanchando-se em tédio e monotonia.

O professor passeava majestático e com muita dignidade ao longo das carteiras vazias, entre as quais, dispersos em pequenos grupos, desenhávamos no reflexo cinzento da noite de inverno. Era aconchegante e sonolento. Aqui e acolá meus colegas se deitavam para dormir. As velas se apagavam aos poucos nas garrafas. O professor mergulhava numa vitrina profunda cheia de fólios antigos, ilustrações, gravuras e impressos fora de moda. Mostrava-nos, com gestos esotéricos, antigas litografias de paisagens noturnas, matas cerradas da noite, avenidas de parques invernais escurecendo nos brancos trajetos lunares.

Nas conversas à beira do sono, o tempo fugia despercebido e corria desigual, como se atasse nós na passagem das horas, engolindo na íntegra seus intervalos vazios. De repente, sem nenhuma transição, nossa turma se encontrava já a caminho de casa, numa vereda branca de neve, bordada pela espessura preta e seca do mato. Caminhávamos ao longo dessa margem peluda das trevas, roçando a pele ursina dos

arbustos, que estalavam sob nossos pés na noite clara sem luar, no falso dia leitoso, bem depois da meia-noite. O branco dissipado da luz, peneirado pela neve, pelo ar pálido, pelos espaços lácteos, era como um papel pardo de gravura, no qual, num preto profundo, embaracavam-se os traços e as hachuras do mato. A noite repetia agora, a altas horas, aquela série de noturnos e gravuras do professor Arendt, continuava suas fantasias.

Nessa espessura preta do parque, na pele cabeluda do mato, na massa de lenha quebradiça, havia nichos, ninhos do mais fofo negrume, cheios de emaranhamentos, de sinais secretos, de uma caótica conversa gestual. Os ninhos eram quentes e aconchegantes. Sentávamos ali com nossos sobretudos peludos, na neve morna e fofa, comendo as castanhas que abundavam no avelanal naquele inverno primaveril. Passavam em silêncio pelo mato doninhas, martas e mangustos, pequenos animais farejantes e peludos, cheirando a pelico, alongados e de patinhas curtas. Suspeitávamos que havia entre eles exemplares do gabinete da escola que, apesar de destripados e encanecidos, nessa noite branca sentiam em seu interior vazio a chamada de um velho instinto, a voz do cio, e retornavam ao coração da floresta para uma vida curta e ilusória.

Mas a fosforescência da neve primaveril embaçava e apagava-se aos poucos, e antes do amanhecer aparecia uma névoa escura e densa. Uns adormeciam nessa neve quente, outros, tateando a moita, alcançavam a porta de casa, entravam no quarto às escuras, no sono de pais e irmãos, numa continuação do ronco profundo que apanhavam correndo em seus caminhos atrasados.

Essas sessões noturnas sempre tiveram para mim um encanto misterioso, e agora também eu não podia perder uma oportunidade como essa e deixar de passar rapidamente na sala de desenho, decidido a não me deter mais que um instante. Mas, subindo a escada dos fundos, toda feita de cedro e cheia de ressonâncias, percebi ter entrado numa parte estranha do prédio, jamais vista.

Aqui nenhum ruído interrompia o silêncio solene. Os corredores nesta ala eram mais largos, cobertos de tapetes de pelúcia e muito

requintados. Em suas dobras luziam suavemente pequenas lâmpadas. Passando um daqueles joelhos, encontrei-me num corredor ainda maior, adornado com um fausto palaciano. Uma de suas paredes abria-se em largas arcadas de vidro para o interior de um apartamento. Aqui começava, diante de meus olhos, uma longa sequência de salas que corriam para o fundo, decoradas com um esplendor deslumbrante. Seguindo a fileira de revestimentos de seda, espelhos dourados, móveis preciosos e lustres de cristal, o olhar penetrava na polpa macia desses interiores supérfluos, cheios de cirandas coloridas e arabescos lampejantes, grinaldas emaranhadas e flores que desabrochavam. O silêncio profundo desses salões vazios era preenchido apenas pelos olhares que os espelhos trocavam entre si e pelo pânico dos arabescos, que corriam alto nos frisos ao longo das paredes e perdiam-se no estuque dos tetos brancos.

Parei defronte desse fausto com reverência e admiração, desconfiando de que minha escapada noturna tinha me levado inesperadamente à ala do diretor, diante de sua residência particular. Fiquei paralisado de curiosidade, com o coração batendo forte, pronto para fugir caso ouvisse qualquer ruído. Como justificaria, se fosse apanhado, essa minha espionagem noturna, esse intrometimento atrevido? Numa das profundas poltronas de pelúcia poderia estar sentada, despercebida e quieta, a filha do diretor e, de repente, interrompendo a leitura, poderia levantar os olhos para mim – olhos negros, sibilinos e suaves, cujo olhar nenhum de nós era capaz de aguentar. Mas recuar no meio do caminho, sem cumprir o plano, seria uma covardia. De resto, em todas essas salas luxuosas, iluminadas pela luz ofuscante de uma hora indefinida, reinava o silêncio. Através das arcadas do corredor, pude ver do outro lado do grande salão uma porta envidraçada que dava para o terraço. O silêncio era tal que me enchi de coragem. Não me parecia muito arriscado descer os poucos degraus que me separavam do nível do salão e, dando alguns pulos, percorrer o grande e precioso tapete, a fim de chegar ao terraço, de onde sem dificuldade poderia sair para uma rua bem conhecida.

Foi o que eu fiz. Descendo ao parquê do salão, sob as enormes

palmeiras que disparavam dos vasos até os arabescos do teto, reparei que na verdade já estava em terreno neutro, pois o salão não tinha nenhuma parede dianteira. Ele era uma espécie de grande *loggia*, ligada por alguns degraus à praça da cidade. Era como se fosse um braço daquela praça, e alguns dos móveis já estavam nela. Desci correndo os poucos degraus de pedra e encontrei-me na rua outra vez.

As constelações já estavam de cabeça para baixo, a pique, todas as estrelas viravam-se para o outro lado, mas a lua, escondida nos edredons das nuvens, às quais iluminava com sua presença invisível, parecia ter ainda um caminho infinito a sua frente e, imersa em seus procederes celestes, nem pensava no amanhecer.

Na rua escureciam alguns fiacres muito batidos, em mau estado, cochilando feito caranguejos ou baratas deformados. Um cocheiro inclinou-se do alto da boleia. Tinha o rosto fino, vermelho e bondoso. – Vamos embora, senhor? – perguntou. O coche estremeceu em todas as juntas e articulações de seu corpo de muitos membros e pôs-se em marcha em seus aros leves.

Mas numa noite como essa quem é que se entrega aos caprichos de um cocheiro tão irresponsável? Em meio à crepitação dos raios das rodas, ao ribombo da capota e da cabine, não podia entender-me com ele quanto ao destino. A tudo que eu dizia ele acenava complacente e descuidadamente a cabeça e, cantarolando, rodava pela cidade.

Na frente de um botequim, um grupo de cocheiros acenou-lhe com as mãos em amigável saudação. Ele, todo contente, respondeu alguma coisa e, sem parar o veículo, largou as rédeas no meu colo, desceu da boleia e juntou-se aos colegas. O cavalo, um velho e sábio cavalo de fiacre, olhou rapidamente para trás e continuou seu trote monótono. Para dizer a verdade, o cavalo despertava confiança, parecia mais inteligente que o cocheiro. Mas eu não sabia conduzir e tinha de me sujeitar a sua vontade. Entramos numa rua de subúrbio com jardins dos dois lados. Aos poucos, na medida de nosso deslocamento, os jardins transformaram-se em parques de árvores enormes, e estes, numa floresta.

Nunca vou me esquecer dessa viagem luminosa na noite mais clara

do inverno. O mapa colorido do céu agigantou-se numa cúpula enorme, em que se amontoaram terras, oceanos e mares fantásticos, riscados pelas linhas dos turbilhões e das correntes siderais, pelas linhas luminosas da geografia celeste. O ar ficou mais leve para respirar e luminoso como gaze de prata. Cheirava a violetas. Debaixo da neve lanosa como brancos astracãs, debruçavam-se anêmonas trepidantes com uma centelha de luar em seu cálice delicado. A floresta toda parecia brilhar com milhares de luzes – estrelas que choviam abundantemente do firmamento dezembrino. O ar exalava uma primavera secreta, uma brancura inexprimível de neve e violetas. Entramos numa área de colinas. A linha dos outeiros hirsutos com as vergas nuas de árvores levantava-se ao céu como um suspiro de deleite. Nessas encostas felizes, percebi grupos de viajantes colhendo entre o musgo e os arbustos as estrelas caídas, todas úmidas de neve. O caminho ficou íngreme, o cavalo escorregava e puxava com dificuldade o carro que cantava em todas as suas articulações. Eu estava feliz. Meus pulmões sorviam a abençoada primavera do ar, o frescor das estrelas e da neve. No peito do cavalo acumulava-se uma barreira de espuma branca de neve, cada vez mais e mais alta. O cavalo escavava sua massa limpa e fresca com muita dificuldade. Enfim parou. Saí do fiacre. Ele arfava cabisbaixo. Estreitei sua cabeça ao meu peito, nos seus grandes olhos negros brilhavam lágrimas. Então vi em sua barriga uma ferida negra e redonda. – Por que você não me disse nada? – cochichei em lágrimas. – Meu caro, fiz isso por você – respondeu, e ficou pequenino como um cavalinho de madeira. Deixei-o. Senti-me estranhamente leve e feliz. Não sabia se esperava o trem suburbano que passava ali ou se voltava a pé para a cidade. Enfim, comecei a descer um caminho íngreme, que serpeava no meio da floresta, primeiro a passos leves e elásticos, depois, acelerando a marcha, passei a uma corrida ligeira e feliz, que logo transformou-se num deslizar como que de esqui. Eu podia regular a velocidade e, com leves movimentos do corpo, mudar à vontade a direção.

Perto da cidade freei essa corrida triunfal, substituindo-a pelo passo bem-comportado de quem está passeando. A lua ainda estava alta. As

transformações do céu, as metamorfoses de suas múltiplas abóbadas em configurações cada vez mais sofisticadas, não tinham fim. Nessa noite mágica, como um astrolábio de prata, o céu abria o mecanismo de seu ventre, exibindo em infinitas evoluções a matemática dourada de suas rodas e engrenagens.

Na praça encontrei pessoas passeando. Todas elas, encantadas pelo espetáculo da noite, tinham o rosto erguido e prateado pela magia do céu. Não me preocupava mais com a carteira. Meu pai, imerso em suas extravagâncias, já devia ter-se esquecido de sua perda, e com minha mãe eu não me importava.

Numa noite dessas, única no ano, surgem pensamentos felizes, iluminações, toques proféticos do dedo de Deus. Cheio de ideias e inspirações, quis voltar para casa, quando vi a minha frente os colegas com os livros debaixo do braço. Saíam mais cedo para ir à escola, despertados pela claridade da noite que não queria terminar.

Fomos em grupo, passeando numa rua que descia abruptamente e na qual soprava um aroma de violetas, sem saber se era a magia da noite que prateava a neve ou se já amanhecia…

A rua dos Crocodilos

Meu pai guardava, na gaveta mais baixa de sua profunda escrivaninha, um velho e belo mapa de nossa cidade.

Era um volume inteiro de folhas de pergaminho dobradas ao meio, que antes ligadas por pedaços de pano formavam um enorme mapa de parede, uma vista aérea panorâmica.

Pendurado na parede, ocupava quase todo o espaço do quarto e abria uma vista imensa para todo o vale do rio Ty´smienica, que serpeava ondulando feito uma faixa de ouro pálido por toda a região de lagos, pântanos e açudes amplamente derramados, pelos morros dobrados que se estendiam ao sul em serras cada vez mais numerosas, num xadrez de outeiros arredondados, que diminuíam e empalideciam à medida que adentravam a névoa loura e enfumaçada do horizonte. Dessa lonjura murcha da periferia aflorava a cidade, crescendo para a frente, primeiro em conjuntos ainda indistintos, em blocos compactos e complexos de casas cortados pelos profundos barrancos das ruas, para em seguida sobressair-se em casas singulares, desenhadas com a nitidez de paisagens vistas através de uma luneta. Nesses planos mais próximos, o artista conseguiu mostrar toda a confusa e diversificada algazarra das ruas e dos becos, toda a nitidez das cornijas, das arquitraves, das arquivoltas e das pilastras brilhando no ouro tardio e escuro da tarde nublada, que banhava todas as dobras e todas as portinholas na sépia profunda da sombra. Os blocos e prismas dessa sombra introduziam-se como favos de mel escuro nos desfiladeiros das ruas, alagavam, com sua massa suculenta, toda a metade de uma rua aqui, as brechas entre as casas ali, dramatizavam e orquestravam, com o romantismo lúgubre das sombras, essa multiforme polifonia arquitetônica.

Nesse plano, que imitava o estilo dos prospectos barrocos, as proximidades da rua dos Crocodilos estavam assinaladas em branco, assim como nos mapas geográficos costumam ser marcadas as regiões

polares, os países desconhecidos ou incertos. Foram desenhadas apenas algumas ruas, com traços pretos e nomes em letra comum, não ornamentada, diferente do nobre tipo romano das outras inscrições. Provavelmente o tipógrafo recusava-se a reconhecer esse bairro como parte do conjunto urbanístico e exprimia sua objeção dessa forma singular e estigmatizante.

Para compreender essa objeção, precisamos voltar a atenção agora mesmo para o caráter ambíguo e duvidoso desse bairro tão divergente do tom principal da cidade.

Era um distrito industrial e de comércio, com um caráter utilitário fortemente acentuado. O espírito dos tempos, os mecanismos da economia, não poupou também nossa cidade e criou suas gananciosas raízes nessa nesga de sua periferia, originando assim um bairro parasita.

Enquanto na cidade velha reinava ainda o comércio noturno, clandestino, com seu cerimonial solene, naquele bairro novo desenvolveram-se logo as formas modernas e lúcidas de comercialização. O pseudoamericanismo, enxertado no velho solo carunchoso da urbe, desabrochou ali numa exuberante mas vazia e descorada vegetação de ordinária e grosseira vaidade. Viam-se ali prédios baratos, mal construídos, com fachadas que eram caricaturas de si mesmas, prédios cobertos de um estuque monstruoso de gesso gretado. Casas de subúrbio velhas e tortas receberam pórticos feitos às pressas, que só vistos de perto podiam ser desmascarados como imitações pobres das instalações metropolitanas. As vidraças defeituosas, embaçadas e sujas, que retratavam em reflexos ondeados a imagem escura da rua, a madeira não aplainada dos pórticos, a atmosfera sombria desses interiores estéreis em que teias de aranha e poeira grossa assentavam-se nas altas prateleiras e ao longo das paredes escorchadas e esfareladas, deixavam aqui nas lojas a marca do Klondike selvagem.{14} Assim estendiam-se oficinas de alfaiates, confecções, depósitos de porcelana, farmácias, salões de cabeleireiro. Em suas grandes vitrinas, havia inscrições oblíquas ou dispostas em semicírculo com letras de plástico douradas: confiserie, manucure,

king of england.{15}

Os moradores nascidos na cidade mantinham-se longe daquele sítio habitado por marginais, pela plebe, por criaturas sem caráter e sem densidade, pela verdadeira mediocridade moral, uma espécie grosseira de ser humano que prolifera em meios efêmeros como aquele. Mas às vezes, nos dias de muito calor, horas de baixas tentações, um ou outro morador da cidade perdia-se, como que por acaso, naquele bairro suspeito. Nem sequer os melhores estavam livres da tentação de uma degradação voluntária, de um nivelar de fronteiras e de hierarquias, da vontade de patinhar na lama rasa da comunidade, da intimidade fácil, da suja confusão. O bairro era um eldorado para os desertores da bandeira da própria dignidade. Tudo ali parecia suspeito e ambíguo, tudo convidava para as esperanças impudentes, com uma piscadela secreta, um gesto cínico, um olhar lânguido, tudo libertava os baixos instintos.

Os desavisados dificilmente perceberiam a estranha singularidade desse bairro: a falta de cores, como se nessa cidade construída tão apressadamente elas fossem um luxo proibido. Tudo ali era cinzento, como nas fotografias monocromáticas e nos prospectos ilustrados. Essa semelhança era mais do que simples metáfora, porque às vezes, passeando nessa parte da cidade, tinha-se a impressão de folhear um prospecto, seus enjoativos classificados comerciais, entre os quais aninharam-se, feito parasitas, os anúncios suspeitos, os apontamentos irritantes, as ilustrações duvidosas; e esses passeios eram tão estéreis e sem rendimento nenhum como as excitações da fantasia induzida pelas páginas e colunas das publicações pornográficas.

Entrava-se na oficina de um alfaiate para encomendar um terno – terno de elegância barata, típica desse bairro. O local era grande e vazio, muito alto e sem cor. Enormes estantes de muitos andares sobem à altura indefinida da sala. Os depósitos de prateleiras vazias elevam o olhar até o teto, que pode ser também o céu – o céu pobre, descolorido e arranhado desse bairro. Entretanto, os armazéns mais afastados, que se veem pelas portas abertas, estão cheios até o teto de caixas e de papelão, acumulados como num enorme fichário que, no

alto, sob o céu embrulhado do sótão, se desmancha na cubatura do vazio, no material de construção estéril do nada. Pelas janelas grandes e cinzas, quadriculadas inúmeras vezes como papel almaço, a luz não entra, uma vez que o espaço da loja já está transbordando como se fosse água de uma luminosidade acinzentada e indiferente, que não lança nenhuma sombra nem acentua nada. Logo aparece um jovem esbelto, surpreendentemente prestativo, flexível e condescendente, para satisfazer nossos desejos e nos inundar com sua eloquência barata e fácil de vendedor. Mas, enquanto ele fala, estendendo ao mesmo tempo enormes rolos de fazenda, experimentando, plissando e drapejando a corrente infinita de tecidos que passa por suas mãos, formando com suas ondas sobrecasacas e calças ilusórias, toda essa manipulação parece uma coisa irrelevante, uma aparência, uma comédia, um véu que cobre ironicamente o verdadeiro sentido da questão.

As moças da loja, esguias e de cabelos negros, cada qual com uma mancha na beleza (própria desse bairro de mercadoria defeituosa), entram e saem, ficam na porta dos armazéns, sondando com seus olhos se aquela coisa (confiada às mãos experientes do vendedor) amadurece devidamente até o ponto programado. O vendedor, mavioso e afetado, parece, às vezes, um travesti. Dá vontade de pegar seu queixo traçado suavemente ou dar um beliscão em sua bochecha empoada e pálida, quando com os olhos semicerrados chama discretamente a atenção para a etiqueta de proteção do produto, marca de sentido simbólico bem claro.

Aos poucos, a questão da escolha do terno passa para segundo plano. Esse jovem mole, efeminado e depravado, tão compreensivo quanto aos desejos mais íntimos do cliente, passa agora à frente de seus olhos singulares etiquetas de proteção, toda uma biblioteca de etiquetas, o gabinete de um colecionador refinado. Ficava então bem claro que a confecção era apenas uma fachada que abrigava um sebo, uma coleção de publicações e impressos particulares bastante ambíguos. O vendedor atencioso abre outros armazéns, cheios até o teto de livros, gravuras e fotografias. Essas vinhetas, essas gravuras

ultrapassam mil vezes nossos mais ousados desejos. Nunca imaginamos culminâncias de depravação, sofisticações de perversão como essas.

As moças da loja deslocam-se cada vez mais por entre as pilhas de livros, moças pardas, moças de papel, parecendo gravuras, mas cheias de pigmento no rosto deteriorado, o pigmento escuro das morenas, de um negrume reluzente e gorduroso, que fica à espreita nos olhos, para sair de repente e fugir em zigue-zague numa brilhante corrida de barata. Mas mesmo nos rubores queimados, nos estigmas picantes dos sinais, nas manchas pudicas da penugem escura, revelava-se a raça de sangue negro e ressequido. Esse pigmento demasiado forte, esse moca denso e aromático, parecia manchar os livros que elas tomavam nas mãos oliváceas, seu toque parecia tingi-los e deixar uma chuva de sardas no ar, um rastro de tabaco, como bexiga-de-lobo{16} de cheiro animal e excitante. Entretanto, a devassidão generalizada desprendia-se cada vez mais dos freios das aparências. O vendedor, após ter esgotado toda a energia de sua insistência, era dominado aos poucos por uma passividade feminina. Agora está deitado num dos sofás dispostos entre as seções de livros, de roupão de seda, descobrindo um colo feminino. As moças mostram, uma para a outra, as figuras e as posições das gravuras das capas de revista, enquanto outras já se deitam para dormir em camas improvisadas. A pressão sobre o cliente se atenuava. Liberado do círculo de um interesse tão inoportuno, podia agora ficar à vontade. As vendedoras, ocupadas com a conversa, não se interessavam mais por ele. Virando-lhe as costas ou ficando de lado, paravam num equilíbrio arrogante, apoiavam-se ora numa perna ora noutra, brincando com seu calçado coquete, deixavam correr por seus corpos esguios, de cima a baixo, o jogo serpeante dos membros com que atacavam, por trás de sua descuidada irresponsabilidade, aquele espectador excitado que ignoravam. Assim recuavam, retiravam-se manhosamente para os fundos, deixando o espaço livre para as atividades do hóspede. Aproveitemos esse momento de distração para escapar das consequências imprevisíveis dessa visita inocente e sair à rua.

Ninguém impede a saída. Atravessando o corredor de livros, entre longas estantes de revistas e outros impressos, saímos da loja e já estamos naquele elevado ponto da rua dos Crocodilos, de onde se vê essa via larga quase em todo o seu comprimento, até os distantes edifícios não acabados da estação ferroviária. O dia está cinzento, como sempre nessa região, e todo o cenário parece por instantes uma fotografia de revista ilustrada, tão cinzentos, tão achatados são os homens, veículos e casas. A realidade é fina como papel, e em todas as fendas mostra seu caráter imitativo. Há momentos em que se tem a impressão de que apenas nessa pequena nesga à nossa frente tudo se compõe exemplarmente numa imagem pontilhada de bulevar metropolitano, enquanto nas margens essa mascarada improvisada relaxa e se dissolve e, incapaz de desempenhar por mais tempo seu papel, desmancha-se atrás de nós em gesso e estopa, no bricabraque de um teatro enorme e vazio. Tremem nessa epiderme a tensão da pose, a seriedade artificial da máscara e o *páthos* irônico. Mas não temos a menor vontade de desmascarar tal espetáculo. Apesar do nosso conhecimento sublime, sentimo-nos envolvidos na magia barata do bairro. Aliás, na imagem dessa cidade não faltam também certos traços de autoparódia. Filas de pequenas casinhas térreas de subúrbio trocam de lugar com prédios de muitos andares que parecem construídos com papelão e formam um aglomerado de letreiros, janelas cegas de escritórios, vitrinas de vidro cinzento, anúncios e números. Sob prédios corre o rio da multidão. A rua é larga como um bulevar de cidade grande, mas o pavimento de barro batido, cheio de buracos, poças d'água e capim, lembra o das praças das aldeias. O trânsito do bairro serve de referência nessa cidade, os moradores falam dele com orgulho e com um brilho misterioso nos olhos. A multidão parda e impessoal desempenha seu papel com muita seriedade e é bastante diligente em demonstrar a aparência de uma cidade grande. Mas, apesar de todo esse engajamento e interesse, a impressão que se tem é a de uma peregrinação vaga, monótona e sem rumo, de um cortejo sonolento de fantoches. Uma atmosfera de estranhíssima leveza permeia todo o cenário. A multidão flutua num

ritmo monótono e, coisa estranha, parece sempre indistinta, as figuras trafegam num tumulto emaranhado e comedido, mas nunca atingem nitidez plena. Só às vezes fisgamos desse bulício de tantas cabeças um olhar escuro e animado, um chapéu-coco preto enfiado até os olhos, um meio rosto rasgado por um sorriso, com a boca que acabou de falar, uma perna estendida no meio do passo e assim retida para sempre.

A singularidade do bairro são os fiacres sem cocheiros, correndo livremente pelas ruas. Não é por falta de cocheiros, mas porque eles, misturados com a multidão e ocupados com mil coisas, não cuidam de seus fiacres. Nesse bairro de aparência e gestos vazios não se costuma dar muita importância ao destino da viagem, e os passageiros se deixam levar pelos veículos com a leviandade característica de tudo que há nesse lugar. Muitas vezes pode-se ver como, em curvas perigosas, eles se espicham para fora das capotas quebradas e, com as rédeas na mão, esforçando-se muito, fazem uma difícil manobra de ultrapassagem.

Também temos bondes no bairro, o maior triunfo da ambição dos vereadores. Mas é lamentável o estado desses carros, feitos de *papier mâché*, com todas as paredes amassadas e amarrotadas por muitos anos de uso. Muitas vezes nem têm a parte dianteira, de modo que se pode ver os passageiros durante a viagem, sentados com muita rigidez e comportando-se com muita dignidade. Esses bondes são empurrados por carregadores municipais. Porém a coisa mais estranha é a comunicação ferroviária na rua dos Crocodilos.

Às vezes, em diferentes horas do dia, ao findar da semana, pode-se ver uma multidão aguardando o trem numa das curvas da rua. Nunca se tem certeza de que ele virá e onde vai parar, e muitas vezes as pessoas ficam em dois pontos diferentes, incapazes de concordar sobre o ponto de parada. Aguardam muito tempo, uma multidão silenciosa e negra, ao longo dos traços pouco visíveis dos trilhos, aguardam de perfil, feito uma fileira de máscaras pardas de papel, recortadas em uma fantástica linha de olhar hipnotizado. E, enfim, ele está chegando. Já saiu da rua lateral de onde ninguém o esperava, rasteiro

como uma serpente em miniatura, com uma locomotiva pequena, arquejante e atarracada. Mal entrou nessa fileira negra, e a rua ficou toda escura de tantos carros semeando fuligem. O arquejo escuro da locomotiva e o sopro de uma estranha seriedade repleta de tristeza, a pressa abafada e o nervosismo, transformam por um momento a rua em uma estação ferroviária, num crepúsculo apressado de inverno.

As pragas de nossa cidade são a agiotagem praticada com passagens de trem e o suborno.

Na última hora, quando o trem já espera na estação, ocorrem as negociações nervosas e apressadas com os funcionários corruptos da estrada de ferro. Antes que elas terminem, o trem parte, acompanhado por uma multidão lenta e desiludida que o segue até muito longe para, finalmente, dissipar-se.

A rua, comprimida por um momento nessa improvisada estação ferroviária, cheia do crepúsculo e do sopro de caminhos distantes, clareia de novo, alarga-se e deixa passar mais uma vez em seu leito a multidão despreocupada e monótona dos transeuntes, que caminha em meio a conversas ao longo das vitrinas, esses quadrados escuros e sujos, cheios de produtos baratos, grandes manequins de cera e bonecas de salão de cabeleireiro.

Passam prostitutas com provocantes vestidos compridos de renda. Podem ser também esposas dos barbeiros ou dos maestros dos cafés. Avançam, rapaces, arrastando os pés, e têm no rosto defeituoso e mau uma mancha discreta que as estigmatiza: um estrabismo escuro e tortuoso, ou então a boca rasgada, ou falta-lhes a ponta do nariz.

Os moradores da cidade orgulham-se do odor de corrupção que a rua dos Crocodilos exala. Não precisamos nos privar de nada – pensam orgulhosos –, podemos usufruir também da verdadeira devassidão da cidade grande. Eles afirmam que cada mulher desse bairro é uma cocote. E, de fato, basta observar uma delas para encontrar imediatamente esse olhar persistente, pegajoso e titilante, que nos congela com aquela deleitosa certeza. Até as meninas de escola têm o laço de cabelo atado de modo característico, movem seus pés esguios de maneira singular, e seu olhar tem essa mancha impura, em que a

futura depravação já está pré-formada.

Mas será, será que devemos revelar o último segredo desse bairro, o segredo da rua dos Crocodilos cuidadosamente guardado?

Durante nosso relato colocamos várias vezes certos sinais de aviso, manifestamos discretamente nossas objeções. O leitor cuidadoso não será então surpreendido com o desfecho dessa questão. Falamos do caráter ilusório e imitativo desse bairro, porém tais palavras têm um significado definitivo e determinado demais para resumir o caráter incompleto e indeciso dessa realidade.

Nossa língua não possui termos que dosem o grau de realidade, que definam sua densidade. Falando sem rodeios, a fatalidade desse bairro é que nele nada se realiza, nada chega a seu *definitivum*, todos os movimentos iniciados ficam suspensos no ar, todos os gestos se esgotam antes do tempo e não podem ultrapassar certo ponto morto. Já tivemos a oportunidade de notar a grande opulência e dissipação – nas intenções, nos projetos e nas antecipações – que caracterizam esse bairro. Todo ele não é senão a fermentação de desejos despertados precocemente, e por isso exânimes e vazios. Aqui, numa atmosfera de demasiada facilidade, brota qualquer capricho, qualquer tensão passageira incha e se alarga numa excrescência bojuda e oca, irrompe uma vegetação parda e leve de lanuginosas ervas daninhas, de papoulas peludas sem cor, uma vegetação feita de um tecido imponderável de quimeras e haxixe. Sobre todo o bairro paira um fluido preguiçoso e devasso de pecado, e as casas, as lojas, os homens parecem às vezes um calafrio em seu corpo febril, uma pele arrepiada em seus sonhos delirantes. Em nenhum outro lugar nos sentimos tão ameaçados pelas possibilidades como aqui, tão estremecidos pela proximidade da consumação, tão empalidecidos e paralisados pelo deleitoso assombro da destruição. Mas também tudo termina por aí.

Ultrapassando certo ponto de tensão, a enchente para e recua, a atmosfera se apaga e desflorece, as possibilidades murcham e se desmancham no nada, e as papoulas da excitação, pardas e alucinadas, dissipam-se em cinzas.

Vamos nos arrepender sempre de termos saído por um momento,

naquela hora, da confecção de má fama. Nunca a encontraremos de novo. Vamos errar entre os letreiros e nos enganar mil vezes. Visitaremos dezenas de lojas, encontraremos algumas muito parecidas, passearemos entre fileiras de livros, folhearemos revistas e outros impressos, discutiremos intricada e demoradamente com moças de pigmentação excessiva e beleza contaminada, que não serão capazes de entender nossos desejos.

Vamos nos enredar em mal-entendidos, até que toda a nossa febre e excitação se evaporem num esforço vão, numa correria inútil.

Nossas esperanças se equivocaram, o aspecto ambíguo do local e dos empregados era só aparência, a confecção era uma confecção verdadeira, e o vendedor não tinha segundas intenções. A corrupção do mundo feminino da rua dos Crocodilos é bastante mediana, abafada por grossas camadas de preconceitos morais e de uma mediocridade banal. Nessa cidade de material humano barato, falta também exuberância de instinto, faltam paixões obscuras e extraordinárias.

A rua dos Crocodilos era uma concessão da nossa cidade à modernidade e à corrupção da grande metrópole. Poderíamos então dizer que, por falta de outras possibilidades, tivemos de nos satisfazer com uma imitação de papel, com uma fotomontagem de recortes de jornais deteriorados do ano passado.

As baratas

Foi no período dos dias cinzentos, que vieram depois do esplendor colorido da época genial de meu pai. Foram longas semanas de depressão, semanas pesadas, sem domingos nem feriados, sob um céu fechado e numa paisagem empobrecida. Meu pai já não estava conosco. Os quartos de cima foram arrumados e alugados a uma telefonista. De todo o viveiro de pássaros nos restou apenas um único exemplar, um condor empalhado, numa estante do salão. Na penumbra fresca das cortinas fechadas, ficava como quando estava vivo, sobre uma perna só, numa pose de sábio budista, o rosto amargo e seco de um asceta petrificado numa expressão final de indiferença e abnegação. Os olhos tinham caído, e as órbitas lacrimosas derramavam serragem. Só as calejadas excrescências egípcias em seu enorme bico pelado e no pescoço careca, as excrescências e os tumores azuis desbotados, davam a essa cabeça senil uma dignidade hierática.

Seu hábito de penas já estava comido em vários lugares pelas traças e perdia aos poucos as camadas fofas e pardas, que uma vez por semana Adela varria junto com o pó anônimo do quarto. Nos lugares calvos via-se um tecido grosseiro de estopa, de que saíam pelos de cânhamo. No fundo, eu estava magoado com minha mãe pela facilidade com que ela se conformara com a perda de meu pai. Ela nunca o amou – pensei – e como meu pai não estava arraigado no coração de nenhuma mulher, não podia também fincar raízes em nenhuma realidade, e pairava eternamente na periferia da vida, em regiões semirreais, nas beiradas da existência. Nem merecia uma morte decente, uma morte cívica – pensava eu –, tudo no caso dele tinha de ser esquisito e duvidoso. Resolvi surpreender minha mãe e pôr as cartas na mesa num momento oportuno. Naquele dia (um dia pesado de inverno, com a penugem sedosa do crepúsculo caindo desde as primeiras horas da manhã) ela estava com enxaqueca, sozinha no salão, deitada no sofá.

Nessa sala aparatosa, raramente visitada, reinava, desde que meu pai tinha sumido, uma ordem exemplar, da qual Adela cuidava com cera e vassouras. Os móveis estavam cobertos por capas; tudo se rendia à disciplina severa que Adela estendera sobre essa sala. Só um molho de penas de pavão no vaso sobre a cômoda resistia a esse domínio. Era um elemento travesso, perigoso, vagamente revolucionário, como uma turma bagunceira de colegiais, bem-comportada aparentemente, mas devassa e sem freios ao virar dos olhos. Os olhos daquelas penas de pavão furavam o dia todo, furavam as paredes, davam piscadelas, apinhavam-se, pestanejavam, encostavam o dedo na boca, uns na frente dos outros, cheios de risinhos e travessuras. Enchiam a sala de gorjeio e de cochicho, derramavam-se como borboletas em volta de um lustre, suas multidões coloridas batiam em espelhos opacos e senis, desacostumados ao movimento e à alegria, espiavam pelos buracos das fechaduras. Nem na presença de minha mãe, deitada com um lenço na cabeça, eles podiam deixar de piscar os olhos, de dar sinais, de comunicar-se usando o alfabeto mudo das cores, carregado de significados secretos. Irritava-me esse acordo sarcástico, esse complô cintilante pelas minhas costas. Com os joelhos encostados no sofá de minha mãe, pensativo, testando com dois dedos a matéria delicada de seu roupão, disse como que de passagem: – Já faz tempo que eu queria te perguntar: é verdade que isto é ele? – E mesmo que nem com o olhar tivesse indicado o condor, minha mãe adivinhou logo e, muito constrangida, baixou os olhos. Deixei propositadamente passar algum tempo, para medir o grau de seu constrangimento, e depois, com muita calma, controlando a cólera crescente, perguntei: – Que significam então todas essas fofocas e mentiras sobre meu pai que você está espalhando?

Mas suas feições, que num primeiro momento desmancharam-se em pânico, começaram a se ajeitar de novo. – Que mentiras? – perguntou, piscando os olhos vazios, preenchidos só de um azul-escuro, sem branco. – Adela me disse – respondi –, mas sei que partiram de você: quero saber a verdade.

Sua boca tremia levemente, as pupilas esconderam-se nos cantinhos

dos olhos, fugindo de meu olhar. – Não menti – disse ela, e sua boca inchou e encolheu-se ao mesmo tempo. Senti que me observava como uma mulher coquete a um homem. – Quanto às baratas, é verdade, você deve se lembrar… – Fiquei confuso. Na verdade, lembrei-me daquela invasão de baratas, da inundação do enxame negro que preenchia a escuridão da noite com uma correria de aranha. Todas as frestas estavam cheias de bigodes trepidantes, de cada fissura podia disparar de repente uma barata, em cada fenda do assoalho podia nascer um relâmpago, um zigue-zague alucinado correndo pelo chão. Ah, essa loucura selvagem do pânico, escrita com uma linha negra brilhante no quadro do assoalho. Ah, os gritos de horror de meu pai saltando de uma cadeira a outra com uma lança na mão. Sem receber alimentos nem líquidos, com pintas vermelhas de febre no rosto, com uma convulsão de repugnância gravada em torno da boca, meu pai ficara completamente selvagem. Era óbvio que nenhum organismo conseguiria aguentar por muito tempo uma carga de ódio como essa. A terrível repulsa transformara seu rosto numa máscara trágica, endurecida, em que apenas as pupilas, escondidas sob as pálpebras baixas, espreitavam, tensas como cordas, numa eterna desconfiança. De repente, levantava-se da cadeira com um grito selvagem, corria às cegas para um canto da sala e já erguia a lança, em que uma enorme barata espetada agitava desesperadamente a maranha de suas pernas. Então Adela socorria meu pai branco de horror, tirando-lhe a lança com o troféu e afundando-a num balde. Mas já naquele tempo não saberia dizer se a origem dessas imagens foram os relatos de Adela ou se eu mesmo as tinha presenciado. Naquela época meu pai já não possuía essa imunidade que protege as pessoas sadias do fascínio do horror. Em vez de distanciar-se da atração fatal desse fascínio, meu pai, presa da fúria, envolvia-se nela cada vez mais. Os tristes resultados não demoraram a se manifestar. Logo apareceram os primeiros sinais suspeitos, que nos encheram de medo e de tristeza. O comportamento de meu pai mudou. Sua fúria, a euforia de sua excitação apagou-se. Seus movimentos e sua mímica chegaram a revelar sintomas de má consciência. Começou a nos evitar. Ficava o dia todo escondido nos

cantos, nos armários, debaixo do edredom. Muitas vezes o vi olhando pensativo para as próprias mãos, verificando a consistência da pele e das unhas em que começaram a aparecer manchas negras, manchas de um negro brilhante feito escamas de barata.

De dia ainda resistia com o resto de suas forças, lutava, mas à noite sucumbia a tremendos ataques de fascinação. Podia vê-lo, alta noite, à luz de uma vela colocada no chão. Meu pai ficava deitado no assoalho, todo nu, sarapintado de manchas negras de totem, riscado pelas linhas das costelas, pelo desenho fantástico da anatomia que transparecia, ficava de quatro, possuído pelo fascínio da aversão que o puxava para dentro de seus emaranhados caminhos. Meu pai se mexia com movimentos complicados de numerosos membros, num estranho ritual no qual reconheci, apavorado, uma imitação do cerimonial da barata.

Desde então renunciamos a nosso pai. Sua semelhança com uma barata ficava cada dia mais nítida – meu pai se transformava em barata.

Começamos a nos acostumar com isso. Nós o víamos cada vez menos, desaparecia por semanas inteiras em seus caminhos de barata – não o distinguíamos mais, fundiu-se completamente naquela tribo negra e assombrosa. Quem poderia saber se ele ainda vivia numa fresta do assoalho, se à noite percorria os quartos, envolvido em negócios obscuros de barata, ou talvez se estava entre aqueles insetos mortos que Adela encontrava todas as manhãs deitados de barriga para cima e pernas para o ar e levava com nojo numa pá para jogar no lixo.

– Porém – disse eu desesperado – tenho certeza de que este condor é ele. – Minha mãe me olhou por baixo dos cílios: – Não me importune, querido, eu já disse que seu pai está atravessando o país como caixeiro-viajante, e você bem sabe que às vezes, à noite, ele aparece em casa, para partir ainda antes do amanhecer.

A tempestade

Neste inverno longo e vazio, a escuridão de nossa cidade resultou em uma colheita abundante, gigantesca. Os sótãos e bricabraques, aparentemente, não foram arrumados por muito tempo, as panelas e as garrafas se acumularam umas sobre as outras, as pilhas de vasilhames puderam crescer à vontade.

Ali, nas florestas dos sótãos e dos telhados de muitas vigas, a escuridão começou a degenerar-se e a fermentar selvagem. Ali, começaram aquelas negras assembleias de panelas, aquelas manifestações falaciosas e vazias, aquelas garrafadas balbuciantes e borbulhas de garrafões e vasilhas. Até que certa noite, sob o céu de telhas de madeira, as falanges de panelas e garrafas se ergueram e, feito um povo grande e apinhado, saíram flutuando pela cidade.

Os sótãos desprendidos dos sótãos expandiam-se, disparando uns dos outros em fileiras negras, enquanto por seus ecos espaçosos percorriam cavalgadas de vigas e de traves, pulos de cavaletes de madeira que se punham sobre seus joelhos de pinheiro e, saltando para a liberdade, enchiam o espaço da noite com o galope dos caibros e o fragor das terças e tirantes.

Foi então que transbordaram aqueles rios negros, aquelas peregrinações de barris e de regadores, e correram atravessando as noites. Suas multidões negras, lustrosas e barulhentas assediavam a cidade. À noite esse fragor sombrio de panelas formigava e avançava feito um exército de peixes tagarelas, uma invasão incontida de briguentas garrafas de leite e bacias delirantes.

Com os fundos ribombando, amontoavam-se baldes, barris, regadores; bamboleavam jarros de argila de estufeiros; velhos chapéus e cartolas de dândis se sobrepunham, subindo ao céu em colunas que desmoronavam.

E todos batiam desajeitadamente as estacas das línguas de madeira, moíam inabilmente em bocas de madeira o balbucio das pragas e dos

insultos, jogando a lama das blasfêmias por todo o espaço da noite. Até chegarem aonde queriam com essas blasfêmias e maldições.

Chamadas pelo coaxo da louça que mexericava de um lado para outro, chegaram enfim as caravanas, avançaram os poderosos trens do vendaval, e acamparam em cima da noite. Um gigantesco acampamento, um anfiteatro móvel e negro, começou a descer em círculos enormes rumo à cidade. E as trevas estouraram com uma grande e agitada tempestade, que grassou durante três dias e três noites.

– Hoje você não vai à escola – disse minha mãe logo de manhã –, há uma terrível ventania lá fora. – Na sala pairava um delicado véu de fumaça, cheirando a resina. O forno gemia e assobiava como se nele estivesse presa uma matilha de cães ou demônios. O enorme mamarracho pintado em seu bojo fazia caretas coloridas e, inchando as bochechas, tornava-se cada vez mais fantástico.

Corri descalço para a janela. O céu era varrido de cima a baixo pelos ventos. Branco-prata e espaçoso, era riscado por linhas de força esticadas quase a ponto de arrebentar, por sulcos severos como veios solidificados de estanho e de chumbo. Dividido em campos energéticos e tremendo de tensões, transbordava de uma dinamicidade oculta. Desenhavam-se nele os diagramas do vendaval que, apesar de invisível e inatingível, carregava de potência a paisagem.

Não dava para vê-lo. Podia-se reconhecê-lo nas casas, nos telhados em que sua fúria penetrava. Possuídos por sua força, os sótãos pareciam crescer e explodir de loucura, um após outro.

Despojava as praças, deixava um vazio branco nas ruas, varria pedaços inteiros do mercado. Aqui e acolá curvava-se ao seu peso um homem solitário, agarrado à quina de uma casa. Sob seus voos poderosos, toda a praça parecia encher e brilhar numa careca vazia.

O vento soprava cores frias e mortas no céu, rastros amarelos, lilás e de azinhavre, longínquas abóbadas e arcadas de seu labirinto. Os telhados debaixo daqueles céus eram negros e tortos, repletos de impaciência e expectativa. Aqueles em que o vendaval entrava

erguiam-se inspirados, cresciam acima das casas vizinhas e profetizavam sob o céu desgrenhado. Depois desciam e apagavam-se, e não podiam mais segurar esse sopro poderoso, que corria além e mais além, enchendo todo o espaço de fragor e medo. Em seguida, outras casas começavam a levantar-se com um grito e, num paroxismo de clarividência, anunciavam o que vinha.

As enormes faias do lado da igreja, testemunhas de terríveis revelações, erguiam os braços, gritando, gritando sem parar.

Atrás dos telhados da praça vi muros distantes de fogo, altas e nuas paredes de subúrbio alçando-se uma em cima da outra, crescendo estupefatas e retesadas de pavor. Um reflexo distante, vermelho e frio, dava-lhes cores maduras.

Nesse dia não almoçamos porque o fogo da cozinha voltava em baforadas para dentro do cômodo. Os quartos estavam frios e cheiravam a vento. Cerca de duas da tarde, um incêndio deflagrado no subúrbio alastrou-se rapidamente. Minha mãe pôs-se a empacotar com Adela a roupa de cama, os casacos de pele e as joias.

Chegou a noite. O vento ganhou mais força e ímpeto, cresceu desmedidamente, abarcando o espaço todo. Agora não visitava mais as casas e os telhados, mas construía sobre a cidade um espaço múltiplo, espaço de muitos andares, um labirinto negro crescendo em pavimentos infinitos. Desse labirinto ele disparava em galerias inteiras de quartos, lançava com um trovão asas e trajetos, rolava com estrondo longas fileiras de salas, para depois deixar desmoronar esses andares imaginários, essas abóbadas e casamatas, e subir ainda mais, modelando com sua própria inspiração aquela imensidão informe.

A sala tremia levemente, os quadros tiniam nas paredes. Os vidros brilhavam com o reflexo untuoso da lâmpada. Nas janelas pendiam as cortinas, enfunadas e cheias do ar dessa noite tão agitada. Nos lembramos de que meu pai não era visto desde a manhã. De manhã cedo, supúnhamos, devia ter ido à loja, onde fora surpreendido pelo vendaval, que lhe obstruiu o caminho de volta.

– Ele não comeu o dia todo – lamentava minha mãe. Teodor, o vendedor sênior, ofereceu-se para sair à noite, no meio da tempestade,

a fim de levar-lhe comida. Meu irmão juntou-se à expedição.

Agasalhados com enormes casacos de pele de urso, carregaram os bolsos com ferros e almofarizes, um lastro para prevenir que o vento os levasse.

Abrimos com cuidado a porta da noite. Mal o vendedor e meu irmão, de casacos enfunados, puseram o pé no escuro, foram engolidos pela noite, logo na soleira de casa. O turbilhão apagou imediatamente o rastro da saída deles. Pela janela, não dava para ver nem a luz da lanterna que levavam.

Absorvendo-os, o turbilhão acalmou-se um pouco. Adela e minha mãe tentaram de novo acender o fogo na cozinha. Os fósforos apagavam-se, do fogão soprava cinza e fuligem. Ficamos junto à porta escutando. Nas lamentações do vento ouviam-se todas as vozes, persuasões, chamados e histórias. Era como se escutássemos meu pai perdido no vendaval pedindo socorro ou meu irmão e Teodor conversando despreocupados do outro lado da porta. A impressão era tão forte que Adela abriu a porta e, de fato, avistou meu irmão e Teodor emergindo com dificuldade da ventania em que estavam imersos até o pescoço.

Entraram ofegantes no saguão, fechando com dificuldade a porta atrás de si. Tiveram de encostar-se por um momento aos umbrais, tão violento foi o assédio do vendaval. Enfim, conseguiram fechar o ferrolho, e o vento se foi.

Contaram desordenadamente sobre a noite e o vendaval. Seus casacos de pele, impregnados de vento, agora cheiravam a ar. Suas pálpebras trepidavam na luz; seus olhos, ainda cheios da noite, vertiam escuridão a cada bater das pálpebras. Não conseguiram chegar à loja, perderam-se e quase não acharam o caminho de volta. Não reconheciam a cidade, todas as ruas estavam como que deslocadas.

Minha mãe desconfiava que mentiam. Na verdade, toda a cena dava a impressão de que eles não tinham ido a lugar nenhum e que durante aquele quarto de hora haviam ficado embaixo da janela. Ou talvez, realmente, já não havia a cidade nem a praça, apenas a noite e o vento cercavam nossa casa com bastidores escuros, cheios de uivo, silvo e

gemidos. Talvez nem existissem esses espaços enormes e tristes que o vento nos sugeria, talvez nem existissem esses lamentáveis labirintos, esses corredores e trajetos de muitas janelas que o vento tocava como se fossem flautas negras e compridas. Cada vez mais forte era a nossa convicção de que toda essa tempestade não passava de um quixotismo noturno que no espaço limitado dos bastidores imitava as imensidões trágicas, o desamparo cósmico e a orfandade do vendaval.

Agora a porta do saguão abria-se cada vez mais, deixando entrar hóspedes enrolados em ponchos e xales. Um vizinho ou um conhecido elegante desvencilhava-se devagar das mantas e sobretudos e, com voz arquejante, soltava histórias, palavras interrompidas e caóticas, que aumentavam fantasticamente, exageravam mentirosamente a imensidão da noite. Estávamos todos sentados na cozinha bem iluminada. Atrás do fogão e do beiral negro e largo da chaminé, havia uma escada de poucos degraus que conduzia à porta do sótão.

Nessa escada estava sentado o vendedor Teodor, escutando a música que o vento tocava no sótão. Nos intervalos da ventania, ele ouvia o fole das costelas do sótão dobrando-se em pregas e o telhado tornando-se frouxo e pendente como um enorme pulmão dos quais o fôlego fugira, e então sorvendo o ar de novo, eriçando as paliçadas dos caibros, crescendo como abóbadas góticas, expandindo-se em uma floresta de traves, cheia de um eco mil vezes repetido, troando feito o bojo de um enorme contrabaixo. Mas depois nos esquecemos do vendaval, e Adela foi triturar canela no almofariz ressoante. Tia Perazja chegou para uma visita. Pequenina, agitada e cheia de previdência, com uma coroa de xale negro na cabeça, começou a movimentar-se na cozinha, ajudando Adela. Adela depenou um galo. Tia Perazja acendeu um punhado de papéis no forno, e largas fatias de chama começaram a subir voando para o abismo negro. Segurando o galo pelo pescoço, Adela colocou-o em cima da chama para queimar-lhe o resto dos pelos. O galo bateu de repente as asas no fogo, cantou e queimou-se. Então tia Perazja começou a brigar, a gritar palavrões e pragas. Tremendo de raiva e erguendo os braços, ameaçava Adela e minha mãe. Eu não percebia o que ela queria dizer, e ela, cada vez

mais tomada pela raiva, transformou-se num feixe de gestos e de maldizeres. Parecia que, no paroxismo de sua cólera, ela se dissiparia em gestos, se desmancharia, se dividiria, dispersando-se em mil aranhas, ramificando-se pelo chão num feixe negro e tremeluzente de baratas em loucas carreiras. Em vez disso, ela começou subitamente a diminuir, a encolher, sempre tremendo e dissipando-se em pragas. De repente, dirigiu-se, curvada e pequenina, para o canto da cozinha onde ficava a lenha e, tossindo e maldizendo, começou febrilmente a procurar alguma coisa entre os troncos sonoros, até encontrar duas lascas finas e amarelas. Pegou-as com as mãos que tremiam de agitação, experimentou atá-las às pernas, subiu nelas como se fossem muletas e começou a andar nessas pernas de pau amarelas, batendo nas tábuas, correndo ao longo da linha oblíqua do assoalho, cada vez mais rápido, para subir depois num banco de pinho, manquejando sobre as tábuas ribombantes, e daí passar a uma prateleira cheia de pratos, uma prateleira ressoante de madeira, que rodeava as paredes da cozinha, e correr nela de muletas até enfim chegar a um canto, minguando cada vez mais, enegrecendo, enrolando-se como um papel murcho e queimado, ardendo até virar uma pétala de cinza e esfarelando-se em pó e em nada.

Ficamos todos perplexos diante daquele ataque enlouquecido de raiva, que devorava e digeria a si próprio. Assistimos com pesar ao triste decurso desse paroxismo e, quando o lamentável processo chegou a seu fim natural, voltamos aliviados a nossos afazeres.

Adela voltou a tocar o almofariz triturando a canela, minha mãe continuou a conversa interrompida, enquanto o vendedor Teodor, escutando as profecias do sótão, fazia caretas engraçadas, levantava bem alto as sobrancelhas e ria consigo mesmo.

A noite da Grande Estação

Todos sabem que em meio aos anos comuns, aos anos normais, o tempo extravagante gera às vezes em seu ventre anos diferentes, singulares, degenerados, nos quais – como um sexto dedo, um mindinho a mais – cresce em algum lugar um décimo terceiro e falso mês.

Dissemos falso porque raramente atinge o desenvolvimento pleno. Como os filhos temporãos, ele fica atrás em altura, um mês corcunda, um rebento meio murcho e mais hipotético do que real.

Culpada é a empolgação senil do verão, sua vitalidade dissoluta e tardia. Às vezes agosto passa, e o velho e grosso tronco do verão continua brotando por hábito, expelindo de sua carcoma aqueles dias bravos, dias-joios, estéreis e idiotas, acrescentando de graça dias-espigas, ocos e não comestíveis – dias brancos, surpresos e inúteis.

Eles crescem, irregulares e desiguais, informes e ligados uns aos outros, como os dedos da mão de um monstro, brotando e enrolando-se numa figa.

Alguns comparam esses dias a apócrifos, introduzidos às escondidas entre os capítulos do grande livro do ano, a palimpsestos secretamente incorporados às suas páginas, ou àquelas folhas brancas não impressas, onde os olhos, saturados da leitura e cheios de conteúdo, podem verter imagens e perder cores em páginas vazias, tornando-se cada vez mais pálidos, para descansar em seu nada, antes que sejam atraídos pelos labirintos de novos capítulos e aventuras.

Ah, esse velho e amarelado romance do ano, esse grande e desmanchado livro do calendário! Ele repousa esquecido nos arquivos do tempo, e seu conteúdo continua a crescer entre as capas, inchando sem parar com a tagarelice dos meses, com a rápida autogênese do blefe, com os delírios e disparates que nele se multiplicam. Ah, registrando nossas narrativas, organizando as histórias de meu pai na margem gasta do texto, será que não estou alimentando a esperança

secreta de que um dia elas venham a integrar-se nas folhas amareladas desse magnífico livro em decomposição, inseridas no grande sussurro de suas páginas, que as absorverá?

A história que vamos contar aqui aconteceu justamente naquele mês adicional e falso, o décimo terceiro do ano, naquelas poucas páginas brancas dessa grande crônica do calendário.

As manhãs naquele tempo estavam estranhamente acerbas e refrescantes. Um ritmo mais calmo e mais frio do tempo, um cheiro do ar completamente novo, uma diferente consistência da luz eram sinais de que havíamos entrado numa outra ordem de dias, numa nova região do Ano de Deus.

Debaixo desses novos céus a voz vibrava sonora e fresca, como num apartamento novo e ainda vazio, cheirando a verniz e tinta, a coisas começadas e ainda não verificadas. Com uma estranha emoção experimentava-se o novo eco, provava-se com curiosidade, a mesma com que se começa a cortar um bolo, numa fresca e sóbria manhã, na véspera de uma viagem.

Meu pai estava de novo sentado no escritório dos fundos da loja, num pequeno cômodo dividido como um cortiço em caixinhas multicelulares de arquivo, que descascava sem parar em camadas de papel, cartas e faturas. Do sussurro das folhas, do manuseio interminável dos papéis, emergia a existência quadriculada e vazia desse quarto; do incessante movimento dos maços de papel, renovava-se no ar, a partir de inúmeros cabeçalhos de firma, uma apoteose na forma de uma cidade industrial vista de cima, com suas chaminés fumegantes eriçadas, cercada de filas de medalhas e envolvida por hieróglifos e curvas de pomposos *et* e *Comp.*

Ali meu pai ficava sentado, como num aviário, num banco alto, enquanto os pombais dos arquivos sussurravam com seus maços de papel, e todos os ninhos e tocas estavam cheios do chilreio dos algarismos.

Os fundos da grande loja escureciam e se enriqueciam todo dia com novos estoques de panos, cheviotes, veludos e belbutinas. Nas prateleiras escuras, esses celeiros e limbos de uma cor fresca e de

feltro, o colorido assentado das coisas rendia lucros mirabolantes, e o grande capital do outono se saciava e multiplicava. Ali crescia e escurecia esse capital, refestelando-se cada vez mais nas prateleiras, como na galeria de um enorme teatro, completando-se ainda e multiplicando-se a cada manhã com novas mercadorias que, em caixas e pacotes, misturadas ao frio da madrugada, carregadores barbudos traziam em seus ombros ursinos, soltando gemidos, entre exalações de frescor outonal e vodca. Os vendedores descarregavam essas novas provisões de nutritivas cores têxteis, lutando, preenchendo cuidadosamente com elas todas as frestas e lacunas dos altos armários. Era um enorme registro de todas as cores do outono, disposto em camadas, ordenado de acordo com as tonalidades que subiam e desciam, como se fossem escadas sonoras, gamas de todas as oitavas cromáticas. Começava embaixo e experimentava, gemendo timidamente, os declives e semitons do alto, depois passava aos cinzas desbotados da distância, aos verdes e azuis dos gobelinos e, crescendo até o alto em acordes cada vez mais largos, chegava aos azuis-escuros, ao anil das florestas longínquas e à pelúcia dos parques rumorejantes, para entrar em seguida, através de todos os sanguíneos, ocres, ruividões e sépias, na sombra sussurrante dos jardins murchos, e chegar até o cheiro escuro dos cogumelos, o suspiro do carcoma nas profundezas da noite de outono e o acompanhamento surdo do mais escuro contrabaixo.

Meu pai passeava ao longo desses arsenais de outono têxtil e tranquilizava, acalmava essas massas, sua força emergente, a potência calma da Estação. Todas essas reservas de cores armazenadas, ele queria manter intactas o maior tempo possível, temia quebrar ou trocar por dinheiro esse fundo de garantia do outono. Mas sabia e sentia que o tempo estava chegando, e o vento do outono, um vento devastador e quente, sopraria sobre esses armários que se abririam, e nada impediria sua efusão, o derramamento dessas torrentes de cores com que eles haveriam de explodir, enchendo toda a cidade.

A hora da Grande Estação estava chegando. As ruas se animavam. Às seis da tarde a cidade desabrochava em febre, as casas enrubesciam,

e as pessoas andavam animadas por um fogo interior, maquiadas e pintadas de cores gritantes, com olhos em que brilhava uma bela e má febre domingueira.

Nas ruas laterais, nos becos silenciosos, que já adentravam os bairros da noite, a cidade estava vazia. Só as crianças brincavam nas praças debaixo das sacadas, sem fôlego, de maneira ruidosa e sem sentido. Punham pequenos balões na boca para enchê-los e eriçar-se, de repente, numa enorme e gritante excrescência, que marulhava e soltava borbulhas, ou para transformar-se numa estúpida máscara de galo, vermelha e cantante, ou em monstros coloridos de outono, fantásticos e absurdos. Parecia que assim, infladas e cantantes, levantariam voo em longas correntes coloridas e, como as revoadas outonais das aves, sobrevoariam a cidade – fantásticas frotas de papel de seda e de tempo de outono. Ou andavam gritando em pequenos e ruidosos carrinhos, cujas rodas, raios e varais produziam um chiado colorido. Os carrinhos desciam carregados de seu grito, rolavam rua abaixo até chegar ao derramado córrego amarelo da noite e desmanchar-se num entulho de rodelas, estacas e pauzinhos.

E enquanto as brincadeiras das crianças ficavam cada vez mais barulhentas e emaranhadas, e os rubores da cidade escureciam e desabrochavam em púrpura, o mundo todo começava de repente a murchar, exalando rápido um crepúsculo delirante, que contagiava todas as coisas. Essa peste do crepúsculo propagava-se, traiçoeira e venenosamente, por todos os lados, passava de uma coisa a outra, e tudo que ela tocava logo apodrecia, tornava-se negro, desmanchava-se em carcoma. As pessoas fugiam do crepúsculo num pânico silencioso, mas, de repente, essa lepra as alcançava, aflorando numa erupção escura em suas testas, e elas perdiam os rostos, que caíam em grandes manchas informes, e continuavam caminhando já sem as feições, sem os olhos, perdendo no caminho uma máscara atrás da outra, de modo que o crepúsculo fervilhava com essas larvas abandonadas, que se espalhavam ao longo da fuga. Depois tudo começava a cobrir-se de uma cortiça negra e putrescente, que se descascava em grandes fatias, em crostas doentes de escuridão. E enquanto embaixo tudo se

desagregava e se perdia nesse distúrbio silencioso, nesse pânico de uma decomposição apressada, no alto mantinha-se e crescia cada vez mais o alarme taciturno do crepúsculo, vibrando com o chilreio de milhares de sinetas que tocavam baixinho e faziam alçar o voo de milhares de cotovias invisíveis rumo a um enorme e prateado infinito. Depois só havia a noite, que caía de súbito – uma noite imensa, que ainda crescia com os sopros do vento que a dilatavam. Do seu labirinto múltiplo eram arrancados ninhos claros: as lojas – grandes lampiões coloridos, cheios de mercadoria amontoada e de tumulto dos compradores. Através das janelas resplandecentes desses lampiões, era possível observar o ritual das compras de outono, barulhento e rico em estranhíssimos cerimoniais.

Essa grande e ondulada noite de outono, que crescia com as sombras, noite dilatada pelos ventos, escondia em suas dobras escuras bolsos claros, saquinhos cheios de quinquilharias coloridas, de mercadoria sarapintada de bombons, bolos e toda a variedade colonial. Essas cabanas e barracas de feira, feitas de caixas de açúcar, enfeitadas com berrantes anúncios de chocolate e cheias de sabonetes, trastes divertidos, ninharias douradas, folhas de estanho, cornetas, *wafers* e balas coloridas de hortelã, eram os postos de leviandade espalhados pelo mato da imensa noite labiríntica e agitada pelos ventos.

Grandes e sombrias multidões flutuavam na escuridão, numa mistura barulhenta, num tropel de mil pés, num ruído de mil bocas – uma peregrinação pululante e emaranhada estendendo-se pelas artérias da cidade outonal. Assim corria esse rio, cheio de ruído, de olhares escuros, de piscadelas manhosas – grande massa de fofocas, riso e tumulto, entrecortada por conversas, picada pela tagarelice.

Era como se as cápsulas secas das papoulas de outono partissem em multidões, espalhando sementes – cabeças-chocalhos, gente-matraca.

Meu pai andava nervoso e corado, com olhos que brilhavam na loja bem iluminada, e escutava.

Através dos vidros da vitrina e do portal, entrava o ruído da cidade, o barulho abafado da turba flutuante. Sobre o silêncio da loja chamejava luminoso um candeeiro de querosene pendurado no teto,

empurrando de todos os cantos e fendas o menor traço de sombra. O assoalho amplo e vazio crepitava em silêncio e, assim iluminado, contava em comprimento e largura seus quadrados brilhantes, o xadrez das grandes placas, que conversavam em silêncio com estalos, respondiam uma à outra estourando aqui e acolá. Em compensação, os panos mantinham-se calados, sem voz, em sua lanuginosidade de feltro, e passavam seus olhares pelas costas de meu pai, ao longo das paredes, trocavam sinais silenciosos de um armário a outro.

Meu pai escutava. Nesse silêncio noturno seu ouvido parecia alongar e ramificar-se para fora da janela: um coral fantástico, um pólipo vermelho que ondulava na borra da noite.

Escutava e ouvia. Com inquietação cada vez maior, ouvia a crescente longínqua das multidões que se aproximavam. Olhava com medo a loja vazia. Procurava os vendedores. Mas esses anjos escuros e ruivos tinham voado. Restara apenas ele, sozinho, com medo das multidões que inundariam muito em breve o silêncio da loja numa turba saqueadora e barulhenta, dividiriam entre si, leiloariam todo esse riquíssimo outono havia anos colhido e armazenado no grande e recatado celeiro.

Onde estavam os vendedores? Onde estavam esses querubins formosos que deviam defender as trincheiras escuras de tecidos? Meu pai suspeitava dolorosamente que estavam pecando em algum lugar nos fundos da casa com as filhas dos homens. Assim, imóvel e muito preocupado, sentia com seu ouvido interior o que se passava dentro da casa, nas câmaras dos fundos daquele enorme e colorido lampião. A casa se abria à sua frente, cômodo por cômodo, câmara por câmara, como um castelo de cartas, e podia ver os vendedores correndo atrás de Adela por todos os quartos vazios e bem iluminados, escada abaixo, escada acima, até que ela conseguia escapulir entrando na cozinha, onde embarricava-se num armário.

Ali estava ela, ofegante, brilhante e alegre, piscando seus longos cílios com um sorriso. Os vendedores davam risinhos, acocorados atrás da porta. A janela da cozinha estava aberta para a noite imensa e negra, cheia de miragens e confusão. Os vidros negros entreabertos

ardiam com o reflexo da iluminação distante. Panelas e garrafões brilhantes estavam por toda parte, luzindo em silêncio com seu gorduroso esmalte. Adela inclinava cuidadosamente o rosto colorido para fora da janela, um rosto de boca pintada e olhos que piscavam. Procurava os vendedores, certa de que estavam armando uma cilada. E, enfim, conseguia vê-los, passando com cuidado em direção à janela, um atrás do outro, sobre a cornija, ao longo da parede do andar avermelhado pelo reflexo da iluminação distante. Meu pai deu um grito de cólera e desespero, mas nesse momento o ruído das vozes chegou bem perto e, de repente, apareceram nas janelas claras da loja rostos contorcidos pelo riso, rostos falantes, com o nariz achatado encostado nos vidros luzentes. Meu pai ficou vermelho de tanta raiva e pulou para cima do balcão. E, enquanto a multidão tomava de assalto essa fortaleza e invadia a loja numa turba barulhenta, ele subiu de um salto nas prateleiras de pano e, pendurado sobre a multidão, soprava com toda a força um grande trombone de chifre, tocando o alarme. Mas o espaço não se encheu com o ruído dos anjos vindos em socorro – em vez disso, a cada gemido da trompa, respondia o grande e sorridente coro da multidão.

– Jakub, fazer negócio! Jakub, vender! – exclamavam todos, e essa exclamação, repetida continuamente, ritmava-se no coro e transformava-se aos poucos na melodia de um refrão entoado por todas as gargantas. Então meu pai deu-se por vencido, saltou do alto da cornija e dirigiu-se gritando para as barricadas de tecido. Engrandecido pela cólera, de cabeça inchada, transformada num punho purpúreo, subiu correndo nas trincheiras de pano como um profeta-guerreiro e começou uma luta furiosa contra elas. Penetrava com o corpo inteiro nos enormes rolos de algodão e arrancava-os do lugar, entrava por baixo de grandes cortes de fazenda e os carregava sobre os ombros curvados, para depois jogá-los com um estrondo surdo do alto do balcão. Os rolos caíam, desenrolando-se no ar em enormes bandeiras flutuantes, as prateleiras estouravam por todo lado em explosões de drapeados, em cascatas de pano, como se levassem um golpe da vara de Moisés.

Assim derramavam-se os estoques dos armários, vomitavam violentamente, corriam em largos rios. O conteúdo colorido das prateleiras transbordava, crescia, multiplicava-se e inundava todos os balcões e mesas.

As paredes da loja desapareciam sob as gigantescas formações dessa cosmogonia têxtil, sob as cadeias de montanhas que se amontoavam em maciços monumentais. Nas vertentes das montanhas abriam-se largos vales, e em meio ao *páthos* dos grandes planaltos trovejavam as linhas dos continentes. O espaço da loja alargava-se num panorama de paisagem de outono, cheio de lagos e distâncias, e no pano de fundo desse cenário andava meu pai, entre as dobras e os vales de uma Canaã fantástica, andava com passos largos, com os braços profeticamente estendidos nas nuvens, e, com golpes de inspiração, moldava o país.

E embaixo, ao pé desse Sinai que crescia na ira de meu pai, o povo gesticulava, maldizia e venerava Baal, e fazia negócios. Enchiam as mãos de pregas macias, ornavam-se com panos coloridos, cobriam-se de dominós e sobretudos improvisados, e falavam sem ordem nenhuma, mas em abundância.

Meu pai aparecia de repente em cima desses grupos de comerciantes, alongado pela ira e, do alto, admoestava os idólatras com sua palavra poderosa. Depois, levado pelo desespero, trepava nas altas galerias dos armários, corria desvairadamente sobre os tirantes das prateleiras, sobre as tábuas ribombantes dos andaimes desguarnecidos, perseguido pelas imagens da devassidão impudente nos fundos da casa, que sentia pelas costas. Os vendedores alcançaram nesse momento a sacada de ferro no nível da janela e, agarrados ao balaústre, pegaram Adela pela cintura e a puxaram pela janela. Ela piscava os olhos e arrastava as pernas esguias com meias de seda.

Enquanto meu pai, apavorado pelo asco do pecado, encravava-se com a raiva de seus gestos no horror da paisagem, lá embaixo, o povo leviano de Baal entregava-se a um divertimento libertino. A ralé estava dominada por uma paixão paródica, por uma epidemia de riso. Como se podia esperar seriedade daquele povo, um povo de aldravas e quebra-nozes? Como se podia esperar compreensão das grandes

preocupações de meu pai por parte daqueles moinhos que não cessavam de moer a polpa colorida das palavras? Surdos aos trovões da ira do profeta, esses comerciantes de sobrecasaca de seda acocoravam-se em pequenos grupos ao redor das montanhas onduladas de tecido, discutindo demoradamente, em meio a gargalhadas, as qualidades da mercadoria. Esse mercado negro dilacerava com suas línguas velozes a nobre substância da paisagem, esmigalhava-a com a picada da falácia e quase a engolia.

Em outro lugar, à frente das altas cachoeiras de panos resplandecentes, havia grupos de judeus de gabardinas coloridas e grandes gorros de pele. Eram os varões da Grande Assembleia, senhores nobres e sublimes que, imersos numa conversa reservada e diplomática, cofiavam suas barbas longas e bem cuidadas. Mas mesmo nessa conversação cerimoniosa, nos olhares que trocavam entre si, havia um clarão de ironia sorridente. Entre esses grupos circulava o povo ordinário, a multidão informe, uma turba sem rosto e sem personalidade. Forrava o pano de fundo com as sinetas e os chocalhos de suas conversas desatinadas e como que preenchia as lacunas da paisagem. Era um elemento burlesco, uma multidão dançante de polichinelos e arlequins sem intenções comerciais sérias que, com suas travessuras de palhaço, levava ao absurdo as transações que em algumas partes começavam a se concretizar.

Mas, enjoado de tantas travessuras, esse povo alegre dissipava-se pouco a pouco nas regiões mais distantes da paisagem, onde perdia-se lentamente em meio a cavidades rochosas e vales. Esses brincalhões provavelmente caíam, um após outro, nas fendas e dobras do terreno, como as crianças cansadas de brincar desmaiam nos cantos e recantos da casa numa noite de baile.

Entretanto, os sábios da cidade, os varões do Grande Sinédrio, passeavam em grupos cheios de dignidade e nobreza, absorvidos em silenciosos e profundos debates. Espalhando-se por todo esse vasto país montanhoso, andavam em grupos de dois ou três por caminhos distantes e sinuosos. Seus vultos pequenos e escuros povoavam todo esse planalto desértico, sobre o qual pendia um céu pesado e sombrio,

ondulado e nebuloso, lavrado em longos sulcos paralelos, em leivas prateadas e brancas, que exibiam em suas entranhas as camadas, cada vez mais profundas de sua estratificação.

A luz do candeeiro criava um dia artificial nesse país – um dia estranho, sem aurora e sem anoitecer.

Meu pai acalmava-se aos poucos. Sua cólera solidificava e dispunha-se nos jazigos e estratos da paisagem. Estava sentado nas galerias das altas prateleiras e olhava o vasto país que entrava no outono. Via a pesca nos lagos distantes. Em cada pequeno casco de barco havia dois pescadores lançando uma rede. Nas margens, os meninos carregavam cestas cheias de pescado prateado e saltitante.

Foi então que percebeu no horizonte grupos de peregrinos que, erguendo a cabeça para o céu, indicavam algo com as mãos.

Logo o céu se alastrou com uma erupção colorida, cobriu-se de manchas ondulantes que cresciam, amadureciam e, em poucos minutos, enchiam o espaço de um estranhíssimo povo de aves, girando e rodopiando em enormes espirais entrecruzadas. Todo o céu encheu-se de seu voo sublime, dos adejos e linhas majestosas de seu balanço silencioso. Umas, como enormes cegonhas, flutuavam imóveis nas asas tranquilamente estendidas, outras, como penachos coloridos, troféus bárbaros, batiam as asas pesada e desajeitadamente para manter-se nas ondas da aura cálida; outras ainda, inábeis conglomerados de asas, pernas enormes e pescoços depenados, lembravam abutres e condores mal empalhados, que derramam serragem.

Havia entre elas aves de duas cabeças, aves de muitas asas, mas havia também as aleijadas, que mancavam no ar, no voo deficiente de uma só asa. O céu assemelhava-se a um antigo afresco, cheio de monstros e animais fantásticos que giravam, ultrapassavam uns aos outros e voltavam de novo em elipses coloridas.

Meu pai levantou-se nos tirantes e, banhado de um brilho inesperado, estendeu as mãos, chamando as aves com um velho conjuro. Reconheceu-as, muito emocionado. Era uma distante e esquecida prole daquela geração de pássaros que outrora Adela

dispersara por todas as partes do céu. Voltava agora, corrompida e viçosa, essa prole artificial, essa tribo degenerada e arruinada por dentro.

De tamanho estupidamente aumentado, agigantadas ao absurdo, essas aves eram ocas e sem vida. Toda a sua vitalidade passara para a plumagem, desabrochara no fantástico. Era como um museu de espécies fora de uso, um bricabraque do paraíso das aves.

Algumas voavam de costas, tinham os bicos pesados, malfeitos, que lembravam cadeados e fechaduras, carregados de excrescências coloridas, e eram cegas.

Como meu pai ficou emocionado com esse retorno inesperado, como o espantava esse instinto das aves, esse apego ao mestre que essa estirpe banida guardava na alma como uma lenda, para enfim, depois de muitas gerações, às vésperas da extinção da tribo, partir numa viagem de volta a sua antiga pátria.

Porém essas aves cegas de papel já não reconheciam meu pai. Em vão ele as chamava com os antigos conjuros, na língua esquecida das aves – não o ouviam nem o viam mais.

De repente, pedras sibilaram no ar. Eram os palhaços, tribo estúpida e obtusa, que começaram a jogar pedras no céu fantástico de aves.

Foram em vão os avisos de meu pai, seus gestos de ameaça e de protesto. Não foi ouvido nem visto. E as aves caíam. Atingidas, pesavam flácidas e murchavam ainda no ar. Antes que alcançassem a terra, já eram um monte informe de penas.

Num piscar de olhos o planalto cobriu-se dessa estranha e fantástica carne podre. Antes que meu pai chegasse ao lugar da carnificina, toda a magnífica estirpe de aves já estava morta e estendida nos rochedos.

Só agora, de perto, meu pai podia ver toda a miséria dessa geração depauperada, todo o ridículo de sua anatomia barata.

Eram enormes feixes de penas recheados de qualquer jeito com carne velha e podre. Em muitos era impossível distinguir a cabeça, pois essa parte globulosa do corpo não dava nenhum sinal de alma.

Alguns eram cobertos de pelo comprido e pegajoso, feito bisões, e fediam horrorosamente. Outros lembravam camelos mortos, corcundas e carecas. Outros, ainda, pareciam feitos de uma espécie de papel, vazios por dentro e muito coloridos por fora. Alguns revelavam-se de perto nem mais nem menos do que enormes caudas de pavão, leques coloridos em que fora insuflado, de modo inconcebível, um simulacro de vida.

Vi o triste retorno de meu pai. O dia artificial já tomava aos poucos as cores de uma manhã comum. Na loja desolada as prateleiras mais altas embebiam-se das cores do céu matinal. Em meio aos destroços da paisagem apagada, dos bastidores do cenário noturno destruídos, meu pai observava os vendedores que despertavam do sono. Levantavam-se entre os rolos de pano e bocejavam ao sol. Na cozinha do sobrado, Adela, ainda quente de sono, o cabelo desgrenhado, moía café num moedor, apertando-o contra o peito branco, que dava brilho e calor aos grãos. Um gato lavava-se ao sol.

Notas

1 Na mitologia romana, a deusa dos pomares. [Todas as notas são do tradutor.]

2 No início do século xx era comum em Drohobycz o costume de enfeitar os jardins com esferas coloridas de vidro.

3 *Ultimo*: em italiano, o último dia do mês, que é o prazo para pagar as contas.

4 *Moloch*: em hebraico, divindade semita, venerada sobretudo na região de Canaã, a quem eram oferecidos sacrifícios humanos.

5 *Genus avium scansores* e *pistacci* (*psittaci*): respectivamente, família de aves referente à espécie vira-folhas (*Sclerurus scansor*) e papagaios.

6 Demiurgos (do grego *demiurgós*): Schulz usa essa forma alternadamente com a forma polonizada *demiurg* (demiurgo).

7 *Golem*: em hebraico, criatura humana, produto de um ato mágico, que não era um homem verdadeiro, pois não sabia falar nem raciocinar e agia apenas cumprindo ordens. A palavra "*golem*" aparece apenas uma vez na Bíblia (Sl, CXXXIX, 16), originando o seu uso talmúdico: algo informe e imperfeito. Numa lenda talmúdica, Adão é chamado de *golem*, ou seja, um corpo sem alma.

8 Luigi Luccheni (1873-1910), anarquista italiano, que em 1898 assassinou em Genebra a imperatriz Elizabete da Áustria e suicidou-se na prisão.

9 Draga Mašin (1864-1903), dama da corte do rei da Sérvia Aleksandar Obrenovic (1876-1903), por ele desposada contra a vontade da família e da nação. Os dois morreram em consequência de um atentado em 10 de junho de 1903.

10 Do latim, o termo usado por Schopenhauer ao falar sobre a vontade geral de ser, em seu livro *O mundo como vontade e representação*, serve aqui para designar a diversidade de espécies resultante da autorreprodução da matéria.

11 Os "seres" aqui descritos são certamente coacervatos, ou seja, os "coágulos líquidos", uma concentração de partículas de caloide que é a matéria-prima do protoplasma das células vegetais e animais. Os coacervatos eram formas primitivas, protocelulares, de organização da matéria viva. A experiências com coacervatos dedicava-se também o pai de Adrian Leverkühn em *Doutor Fausto*, de Thomas Mann.

12 Nome de um personagem bíblico, presente também em diversas lendas árabes e persas. Grande caçador e fundador de cidades, Nemrod teria criado a primeira dinastia reinante da humanidade, o reino e a cidade da Babilônia. Viveu, provavelmente, por volta de 2500 a.C.

13 Adolf Arendt era, em 1902, professor de desenho no Ginásio de Drohobycz, onde estudou

Bruno Schulz.

14 Klondike: região do Canadá famosa pela descoberta de ouro em Bonanza Creek, em 1896, que provocou uma “febre do ouro” e migração em massa.

15 “Confeitaria”, “manicure”, “Rei da Inglaterra”.

16 Do francês *vesse-de-loup*: cogumelo (bot. *Lycoperdon)* da família das licoperdáceas, que, sem tronco, parece uma bola ou pera. Madura, desmancha-se em pó quando tocada. Cresce nos campos e nas clareiras das florestas.



O diabo
e outras histórias
Liev Tolstói



Niels Lyhne
Jens Peter Jacobsen



Um, nenhum e
cem mil
Luigi Pirandello



Diálogos com Leucó
Cesare Pavese



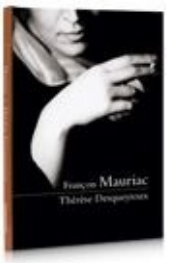
Padre Sérgio
Liev Tolstói



Fim de partida
Samuel Beckett



A Santa Joana
dos Matadouros
Bertolt Brecht



Thérèse Desqueyroux
François Mauriac



A narrativa
de A. Gordon Pym
Edgar Allan Poe



O círculo de giz
caucasiano
Bertolt Brecht



O assassinato e
outras histórias
Antón Tchekhov



Billy Budd
Herman Melville



O companheiro
de viagem
Gyula Krúdy



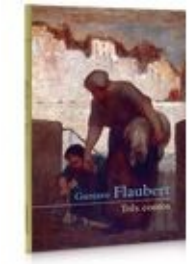
História do olho
Georges Bataille



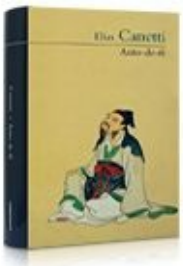


O vermelho
e o negro
Stendhal

Pais e filhos
Ivan Turguêniev



Três contos
Gustave Flaubert



Auto de fé
Elias Canetti



Esperando Godot
Samuel Beckett



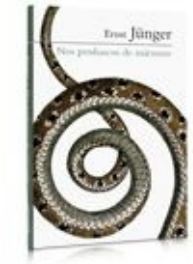
O exército de cavalaria
Issac Bábel



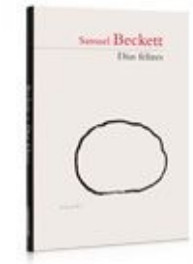
Nadja
André Breton



Satíricon
Petronio



Nos penhascos
de mármore
Ernst Jünger



Dias felizes
Samuel Beckett



O Clube do Suicídio
e outras histórias
Robert Louis Stevenson



Ficção completa
Bruno Schulz
Bruno Schulz

© Cosac Naify, 2013
© Marek W. Podstolski
© Rita Gombrowicz, 1997. Todos os direitos reservados.

Lojas de canela integra o livro *Ficção completa*, coletânea de contos de Bruno Schulz, traduzido por Henryk Siewierski e publicado na coleção *Prosa do Mundo*, a coleção de clássicos da Cosac Naify.

Concepção original da coleção Augusto Massi, Davi Arrigucci Jr. e Samuel Titan Jr.

Coordenação editorial Paula Colonelli
Assistente editorial Luciana Araujo
Revisão Maria Fernanda Alvares e Thiago Lins
Projeto gráfico original da coleção Fábio Miguez
Tratamento de imagem Wagner Fernandes
Adaptação e coordenação digital Antonio Hermida

1ª edição eletrônica, 2013

Nesta edição, respeitou-se o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

ISBN 978-85-405-0444-8

Tradução baseada na edição schulz, Bruno. *Opowiadania, wybór esejów i listów*, Biblioteka Narodowa, n. 264, organização, introdução e notas de Jerzy Jarzebski.
Wrocław: Zakład Narodowy im. Ossolin´skich, 1989.

COSAC NAIFY
Rua General Jardim, 770, 2º Andar
01223-010 São Paulo SP
[55 11] 3218 1444
COSACNAIFY.COM.BR

Atendimento ao professor [55 11] 3218 1473


BLOG
You
Tube

Capa

Agosto

- I
- II
- III

A visitação

- I
- II

Os pássaros

Os manequins

Tratado dos manequinsou O segundo Gênese

Tratado dos manequinsContinuação

Tratado dos manequinsFinal

Nemrod

Pã

O sr. Karol

Lojas de canela

A rua dos Crocodilos

As baratas

A tempestade

A noite da Grande Estação

Notas

Coleção Prosa do mundo

Créditos

Redes sociais